



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
COORDENAÇÃO DO MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**



ELIZANDRA DIAS BRANDÃO

**INTERTEXTUALIDADE AMPLA POR ALUSÃO E ESTEREÓTIPOS NA
CONDUÇÃO ARGUMENTATIVA EM TEXTOS MULTIMODAIS**

TERESINA

2022

ELIZANDRA DIAS BRANDÃO

**INTERTEXTUALIDADE AMPLA POR ALUSÃO E ESTEREÓTIPOS NA
CONDUÇÃO ARGUMENTATIVA EM TEXTOS MULTIMODAIS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Área de Concentração Estudos do Texto: produção e recepção, como requisito necessário para a obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva.

TERESINA

2022

B817i Brandão, Elizandra Dias.
Intertextualidade ampla por alusão e estereótipos na condução
argumentativa em textos multimodais / Elizandra Dias Brandão.
– 2022.
77 f. il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí –
UESPI, Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, *Campus*
Poeta Torquato Neto, Teresina-PI, 2022.
“Orientador Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva.”
“Área de concentração: Estudos do Texto: produção e recepção.”

1. Argumentação. 2. Estereótipos. 3. Intertextualidade.
4. Multimodalidade. I. Título.

CDD: 469.02

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca Central da UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecária) CRB-3º/1188



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

INTERTEXTUALIDADE AMPLA POR ALUSÃO E ESTEREÓTIPOS NA CONDUÇÃO
ARGUMENTATIVA EM TEXTOS MULTIMODAIS

ELIZANDRA DIAS BRANDÃO

Esta dissertação foi defendida às 15h, do dia 30 de março de 2022, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Professor Dr. Franklin Oliveira Silva – UESPI
Orientador

Professora Dra. Maria da Graça dos Santos Faria – UFMA
Membro externo

Professora Dra. Janaína Gomes Matos – UESPI
Membro interno

Professora Dra. Bárbara Olímpia Ramos de Melo – UESPI
Suplente

Visto da Coordenação:

Dra. Bárbara Olímpia Ramos de Melo (Matrícula: 147.688-2)
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI

UESPI - Núcleo de Pós-Graduação (NPG) | Rua João Cabral, 2231 – Bairro Pirajá, CEP 64002-150
Teresina – PI, Brasil. Telefone: (86) 3213-2547 | Ramal - 371
Site: <https://www.uespi.br/mestradoemletras/> E-mail: mestradoemletras@prop.uespi.br

AGRADECIMENTOS

Obrigada, Deus, pois sem ti nada seria possível!

Agradeço a meu marido, Paulo Clímaco, e a meus filhos, Pablo Isac e Salma Lyandra, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto me dedicava à realização desta pesquisa.

Agradeço a minha amiga e companheira de pesquisa Djanes Lemos.

Agradeço às amigas Polyana Carvalho, Caroline Bezerra, Jaqueline Santos, Claudilene Alves, Eduardo Mendes e Mariana Machado pela partilha de experiências, conhecimento e palavras de incentivo.

Um agradecimento especial a meus amigos professores Evando Luiz, Sheila Borges e Socorro Machado. A eles meu muito obrigada!

Agradeço ao grupo Protexito, em especial às Professoras Doutoras Patrícia Macedo, Ana Paula Carvalho e Maiara Soares, pela generosidade e acolhimento.

À minha instituição de ensino, Universidade Estadual do Piauí – UESPI, por todo apoio e suporte que me foi dado.

Ao meu admirado e amado orientador, Prof. Drº. Franklin Oliveira Silva, pela dedicação, atenção e tranquilidade com as quais conduziu esta orientação.

A todos os meus queridos professores da pós-graduação, por não terem, em momento algum, negado a tarefa de transmitir o conhecimento.

Agradeço às Professoras Doutoras Graça Faria e Janaica Gomes, por terem participado da minha banca de defesa e pelas valiosas contribuições.

Agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que este momento pudesse acontecer.

A todos os meus sinceros agradecimentos.

Gratidão!

RESUMO

Com o uso cada vez mais frequente de imagens na elaboração de textos, especialmente como recursos intertextuais, é possível observar a complexidade de leitura e compreensão desses textos de natureza multimodal. Associada a isso, a utilização de estereótipos na condução argumentativa como estratégia de textualização pode revelar uma relação entre o fenômeno da intertextualidade e a orientação argumentativa em tais construções. Nesse sentido, esta dissertação objetiva investigar de que forma os estereótipos e as marcas de intertextualidade amplas por alusão estão relacionados à condução argumentativa em textos multimodais. Trata-se de uma pesquisa fundamentada na Linguística Textual que tem como meta relacionar a presença de estereótipos e de marcas de intertextualidade amplas na condução argumentativa dos textos. Para esta investigação, estabelecemos um diálogo com: A abordagem da argumentação no discurso, proposta por Amossy (2010, 2018) e (2020), cujo conceito de estereótipo utilizamos em nossa investigação. Para as categorias de estudos sobre intertextualidade adotadas por Carvalho (2018), que enfoca a intertextualidade em sentido amplo; além de Matêncio e Ribeiro (2009). O *corpus* desta investigação é constituído por três (3) charges e dois (2) cartazes publicados originalmente na rede social *Instagram*, tomando como categorias de análises adaptações do quadro de classificação proposto por Carvalho (2018). Conforme as análises, corroboramos a tese de que a intertextualidade ampla por, alusão e os estereótipos são basilares para a condução argumentativa em textos multimodais. Os resultados evidenciam que essa significação dá-se pelo contexto, através do alcance dos propósitos languageiros para se chegar ao projeto de dizer.

PALAVRAS-CHAVE:Argumentação;Estereótipos;Intertextualidade; Multimodalidade.

ABSTRACT

With the increasingly frequent use of images in the elaboration of texts, especially as intertextual resources, the complexity of reading and understanding these texts of a multimodal nature is observed. Associated to that, the use of stereotypes in argumentative conduct as a textualization strategy can reveal a relationship between the phenomenon of intertextuality and the argumentative orientation in such constructions. This thesis aims, therefore, to investigate how stereotypes and broad intertextuality marks by allusion are related to the argumentative conduction in multimodal texts. The research is based on Textual Linguistics which central matter is to relate the presence of stereotypes and broad intertextuality marks in the argumentative conduct of texts. For this investigation, it has been established a dialogue with the approach of argumentation in discourse, proposed by R. Amossy (2010,2018), in addition to the categories of studies on intertextuality adopted by Carvalho (2018), which works on intertextuality in a broad sense, in addition to Matêncio e Ribeiro (2009) and Amossy (2010,2020) whose concept of stereotype has been used in our investigation. The corpus of this investigation consists of three (3) charges and two (2) posters, taken from the social network Instagram, considering as categories of analysis adaptations of the classification table proposed by Carvalho (2018). As proved by the analyzes, the broad intertextuality by allusion and the stereotypes are basic for the argumentative conduction in multimodal texts. The results show that this meaning is given by the context, through the range of the language purposes to reach the project of saying.

Keywords: Argumentation; Stereotypes; Intertextuality; Multimodality.

LISTA DE EXEMPLOS

EXEMPLO 1 – Querido Papai Noel	30
EXEMPLO 2 – Suricate Repórter	31
EXEMPLO 3 – Habeas Corpus	33
EXEMPLO 4 – E agora, meninas.....	38
EXEMPLO 5 – Vou te pegar	41
EXEMPLO 6 – Cartum	49

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Quadro geral das práticas hipertextuais	23
QUADRO 2 – Relações intertextuais de Piègay-Gros (1996)	24
QUADRO 3 – Classificação das intertextualidades estritas e amplas	28
QUADRO 4 – Procedimentos de análises	53

LISTA DE ANÁLISES

CHARGE 1 – Vida de Bolsominion	54
CHARGE 2 – Vida Cristã	57
CARTAZ 1 – “Por que as mulheres negras são chamadas de fortes”?	60
CARTAZ 2 – “Rosa cor de Menina, Azul cor de menino”	63
CHARGE 3 – Reforma Trabalhista	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A INTERTEXTUALIDADE E SEUS PROCESSOS INTERTEXTUAIS	16
1.1 A gênese do termo intertextualidade	16
1.2 Contribuições da intertextualidade para a LT	18
2 ARGUMENTAÇÃO À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL	35
3 ESTEREÓTIPOS	44
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O MOVIMENTO DA PESQUISA	51
4.1 Procedimentos de coleta de dados	51
4.2 Procedimentos das categorias de análise	52
4.3 Procedimento de análise	53
5 ANÁLISES DOS DADOS	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

A expansão e os avanços das novas mídias têm despertado grande interesse nos pesquisadores pelo tema da intertextualidade, pois constitui-se como um importante fenômeno textual nas diversas situações comunicativas, principalmente nas interações digitais.

Fundamentada pela Linguística Textual, esta pesquisa tem o intuito de demonstrar que a intertextualidade ampla por alusão é uma estratégia de textualização e que serve para expressar opiniões nas distintas formas de argumentar. Assumimos, portanto, que a intertextualidade é um recurso de interação em que o locutor do texto projeta seu(s) interlocutor(es) ao deixar marcas e pistas argumentativas com a intenção de efetivar práticas discursivas que ocorrem por meio de processos intertextuais para que aludem a estereótipos, os quais são vistos como imagens pré-construídas socioculturalmente. Para isso, os interlocutores precisam mobilizar uma série de conhecimentos derivados de suas experiências e conhecimentos de mundo que convirjam para a construção de sentidos em uma circunstância enunciativa. Dessa forma, o leitor poderá alcançar os propósitos comunicativos pretendidos pelo locutor através da interação, estabelecendo o projeto de dizer.

Ressaltamos que a intertextualidade, no rol da ciência da Linguagem em textos multimodais, requer uma competência comunicativa multissemiótica tanto por parte do locutor quanto do leitor, uma vez que se faz necessário o conhecimento da relação entre texto e imagens. Esses textos são elementos que já fazem parte da enunciação, tornando-se indispensáveis para promover um caráter (re)criador de sentidos, propenso ao viés argumentativo — o que é basilar considerar diante do intuito da investigação.

Consideramos que há vários estudos acerca do entendimento do fenômeno intertextual em suas variadas dimensões, os quais têm se ampliado pelos diversificados campos de pesquisa. Não obstante essas possibilidades, verificamos que, no âmbito da Linguística Textual, ainda não há estudos que se tenham concentrado conjuntamente a intertextualidade, os estereótipos e a argumentação em textos multimodais. Por essa razão, elencamos como objeto de estudo de nossa pesquisa a relação entre a intertextualidade ampla alusiva e os estereótipos na condução argumentativa em textos multimodais, procurando incluir ou destacar a

argumentação em uma perspectiva que nos permita utilizar de estratégias textuais que se desenvolvem em circunstâncias interacionais.

Neste estudo, defendemos as estratégias textuais argumentativas como aquelas que se encontram inseridas dentro de grupos sociais, em uma sociedade pluralista formada por opiniões que convergem e divergem, mas que estão sempre em interação (AMOSSY, 2017). Essas estratégias aparecem relacionadas a fenômenos intertextuais e à presença de estereótipos que se manifestam em textos multimodais, os quais se aliam aos recursos semióticos¹. Esses, por sua vez, estão relacionados aos elementos linguístico e imagético, de modo a ajudarem a constituição de ideias, opiniões e argumentos, diretamente ligados em um diálogo que guia a significação textual.

Nessa linha de pensamento, a partir dos estudos atinentes aos textos visuais, a multimodalidade é vista como uma abordagem semiótica relativa à verdade e a pontos de interação social. Nessa perspectiva, a realização da verdade é também uma realização social, considerando que o verdadeiro, em um contexto social, não necessariamente é considerado como verdadeiro em outros contextos. É preciso esclarecer, por fim, que nesta pesquisa a multimodalidade enquadra-se como um critério para a seleção dos dados, e não como uma categoria cuja análise será peremptória para nossos propósitos.

Situamos esta pesquisa no escopo da Linguística Textual (doravante - LT), sobre os estudos da discussão iniciada no *IV Workshop em Linguística Textual* (2021), que me motivou a pesquisar a temática sobre o tema abordado pelas doutoras pesquisadoras Ana Paula Lima de Carvalho e Maria da Graça dos Santos Faria em uma mesa redonda intitulada *Referenciação, Intertextualidade e Estereótipos*, em que foram apresentadas as pesquisas em desenvolvimento pelo grupo Prottexto baseadas nos estudos de R. Amossy sobre esse assunto. É exatamente esse nicho que esta pesquisa visa ocupar.

A partir da tese de Carvalho (2018), buscamos investigar a relação entre a intertextualidade ampla por alusão e estereótipos na condução argumentativa em textos multimodais. Reputamos as alusões amplas como aquelas que fazem

¹ O termo semiótico é adotado aqui, conforme a perspectiva da Semiótica Social, como um fenômeno inerentemente social e que promove “os processos de efeito, reprodução e recepção da circulação de significado em todas as formas usadas por todos os tipos de agentes da comunicação” (HODGE; KRESS, 1988, p. 261).

referência não apenas a um texto específico, mas a um conjunto de textos a respeito do assunto conhecido ou a um compartilhamento de situações no momento da interação em uma dada sociedade de acordo com a cultura manifestada naquele contexto.

Tendo em vista que a intertextualidade pode ser estudada pelas diferentes áreas da linguística e da literatura, podendo assumir diferentes perspectivas de acordo com a abordagem teórica, diversos trabalhos detiveram-se a descrever, classificar e reclassificar os processos intertextuais. A esta pesquisa, porém, importam sobremaneira as contribuições como a de Nobre (2014), que estabelece "Critérios Classificatórios para Processos Intertextuais", e Faria (2014), que se descreve a alusão e a citação com estratégias na construção de paródias em textos verbo-visuais, dentre outros empreendimentos científicos afins.

Reconhecemos a relevância dos trabalhos e ressaltamos a importância de ampliar o que foi discutido na mesa redonda do IV Workshop em LT, que foi o de relacionar intertextualidade e estereótipos e de que modo esses são influenciados pelos processos intertextuais. Portanto o intento de nossa pesquisa se justifica na medida em que objetivamos investigar a relação entre a intertextualidade ampla por alusão e estereótipos na condução argumentativa em textos multimodais.

Nessa perspectiva, corroboramos com a noção de texto alicerçada em Cavalcante et al (2020), segundo a qual o texto é visto como uma abstração, um enunciado que parte de uma negociação dentro de uma contextualização coerente, além de ter início, meio e fim.

Na proposta da Linguística Textual, a argumentação é inerente ao funcionamento discursivo. Tal noção é relevante para nossas análises, visto que trabalhamos com a intertextualidade ampla por alusão e com os estereótipos para a representação discursiva no processo de construção de sentidos para o viés argumentativo em textos multimodais.

Em face do exposto, norteamos o presente estudo a partir da seguinte questão: é possível relacionar presença de estereótipos e marcas de intertextualidade amplas alusivas na condução argumentativa em textos multimodais? Nossa hipótese é a de que, quando se constrói sentido ao dizer algo, o sujeito traz para a representação social uma série de conhecimentos gerais - conhecimentos de mundo e específicos - um grupo social, estereótipos que são evidenciados por marcas intertextuais responsáveis pela condução da argumentação.

Desse modo, buscamos discutir tanto as relações intertextuais amplas alusivas, que, embora não façam menção a um texto específico, podem estabelecer uma relação entre um e diversos outros textos, quanto os estereótipos, que são imagens cristalizadas em uma dada cultura ou sociedade e, conseqüentemente, influenciam a argumentação presente nas produções.

Assim, na condução desta investigação, traçamos como objetivo investigar de que forma os estereótipos e as marcas de intertextualidade alusivas estão relacionados com a condução argumentativa em textos multimodais. Isso tornou-se desafiador, uma vez que não há pesquisas realizadas com essa temática que permitam analisar e explicar como a intertextualidade e os estereótipos auxiliam na condução argumentativa desses textos.

Com base no objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos: i) relacionar as marcas de intertextualidade amplas alusivas aos estereótipos presentes nos textos analisados; ii) descrever de que forma a intertextualidade ampla alusiva e os estereótipos colaboram para a condução argumentativa de textos multimodais; iii) analisar os sentidos construídos pela argumentação instaurada pelas marcas de intertextualidade ampla alusiva e pelos estereótipos nos dados coletados na rede social *Instagram*.

Para fundamentar esta pesquisa, optamos por assumir a perspectiva de: Carvalho (2018), especialmente a discussão “Sobre Intertextualidades Estrita e amplas”; Amossy (2020) e Macedo (2018), para tratar das estratégias argumentativas em função de efeitos argumentativos em textos; Matêncio e Ribeiro (2009) e Amossy (2010) para as representações sociais/estereótipos, além de outros autores que são descritos no decorrer desta pesquisa.

Cabe esclarecer que o conceito de texto assumido na LT considera a possibilidade da linguagem nos mais variados gêneros, envolvendo elementos linguísticos, visuais e sonoros em um evento de interação, conforme enfatiza Cavalcante (2012). A concepção que adotamos de argumentação é a de Amossy (2010), que se utiliza de recursos languageiros para tentar influenciar e/ou persuadir o outro em textos, nos processos de interação que se fundem nas diferenças de discurso, dentre elas, destacamos as intertextualidades amplas.

Convém mencionar ainda que neste estudo não nos detemos a trabalhar com a modalidade polêmica. Isso porque os textos selecionados não são textos que apresentam em sua materialidade características primárias desta modalidade, como

a dicotomização de teses, polarização social e desqualificação do outro que se fazem presentes em um texto polêmico. Os textos selecionados tratam do fenômeno discursivo da polêmica que é algo mais difuso, os quais tratam de questões polêmicas, mas o modo de argumentar não é polêmico, pois os textos não apresentam oposições antagônicas às das modalidades citadas.

Amossy (2017) defende uma teoria discursiva em que se verificam diferentes formas de argumentatividade em relação a questões polêmicas no contexto sociopolítico brasileiro e nem sempre as teses opostas estão explícitas. É esse o caso dos textos com visada argumentativa, pois, para constituir polêmica, as oposições precisam estar materializadas no texto, dividindo opiniões de forma intensa. Como exemplo, podemos citar os programas de debates que pressupõem um caráter radical de oposição discursiva em consideração a um tema.

A metodologia desta pesquisa é pautada em estudos documentais, qualitativos e classificada como de natureza descritiva. A escolha dos dados deu-se pela percepção inicial de serem textos multimodais com marca intertextual ampla alusiva, referindo-se a imagens em que os estereótipos (re)produzem no interlocutor o efeito de sentido, o qual contribuirá para uma dimensão argumentativa, que consiste nos modos de organização da argumentatividade no discurso em texto multimodal.

À luz dos pressupostos da LT, elegemos para constituição do *corpus* de nossa pesquisa um conjunto de gêneros textuais: três (3) charges e dois (2) cartazes verbo-imagéticos publicados originalmente na rede social *Instagram*, a qual comporta múltiplos gêneros, nem sempre definitivamente estabilizados.

Para atender aos objetivos levantados nesta pesquisa, nossa dissertação está composta, além da presente introdução, de cinco capítulos e das considerações finais, apresentados resumidamente a seguir.

O primeiro capítulo, “A Intertextualidade e seus processos intertextuais”, divide-se em duas subseções: a primeira, “A gênese do termo intertextualidade”, é dedicada ao exame não exaustivo das principais noções aferidas; a segunda, “A Contribuição da LT para os estudos da intertextualidade”, traz as concepções de Piègay-Gros ([1996] 2010), que propõe um refinamento no quadro teórico-classificatório de Genette (2010) — cujo mérito foi o deslocamento da perspectiva de transtextualidade para a intertextualidade, fazendo com que surgisse um considerável alargamento conceitual, mesmo com uma proposta no âmbito literário —, por fim, no cenário mais atual,

Carvalho (2018), que teve a acuidade de abordar e organizar a intertextualidade para além da literatura, dentro dos propósitos da LT em textos multissemióticos.

No segundo capítulo, “Argumentação à luz da Linguística Textual”, apresentamos a Abordagem da Argumentação no Discurso (AAD), além da proposta de articulação teórica desenvolvida por Macedo (2018) para uma análise textual da argumentação no discurso. Nesse momento também destacamos as marcas intertextuais como estratégias argumentativas e a intertextualidade em várias manifestações da linguagem, a qual consideramos, por si só, uma estratégia argumentativa.

O terceiro capítulo, “Estereótipos”, aborda os estereótipos como representação social na visão de Moscovici (2007) e as contribuições de Matêncio e Ribeiro (2009), que tratam sobre a instabilidade e sobre a mudança dessas imagens construídas. Ainda nesse capítulo, contextualizamos o conceito de estereótipo em Amossy e Pierrot (2010), que definem o estereótipo como uma ideia cristalizada na memória.

No quarto capítulo, discorremos sobre a metodologia assumida para alcançar os objetivos propostos e respondemos aos questionamentos quanto ao tipo de pesquisa, aos procedimentos de coleta, análise e às categorias, assumidas e determinadas a partir do recorte do quadro proposto por Carvalho (2018).

No quinto capítulo, tratamos das análises dos dados e buscamos demonstrar como a intertextualidade, própria da LT, e os estereótipos são relevantes para a construção de sentido que conduz o interlocutor ao projeto de dizer.

Finalizamos a dissertação com as considerações finais sobre os resultados das análises realizadas, as quais destacamos a importância desse estudo, assim como, as sugestões para pesquisas futuras.

No próximo capítulo, apresentamos os fundamentos teóricos que embasam nossa investigação sobre o fenômeno da intertextualidade, bem como as pesquisas classificatórias abrigadas na LT.

1 A INTERTEXTUALIDADE E SEUS PROCESSOS INTERTEXTUAIS

Neste capítulo, tratamos da origem do termo intertextualidade e sobre as principais contribuições que os estudos sobre essa temática trouxeram para a pesquisa da Linguística em textos, ponto de partida para o embasamento deste trabalho.

Iniciamos nossa discussão sobre o termo intertextualidade a partir dos estudos de Genette (2010) sobre transtextualidade/intertextualidade, no qual o autor define cinco categorias de relações transtextuais. Dentre elas, vemos a intertextualidade, ainda limitada a um processo de copresença, que consiste na existência ativa de um texto em outro. Piègay-Gross (2010) amplia a concepção de Genette (2010) de transtextualidade para intertextualidade, adicionando a relação intertextual por derivação, caracterizada não mais pelo processo de copresença, mas em um texto ou partes deste em outro, além das diferenças existentes nos parâmetros de explicitude e implicitude. Nesta seção, discutimos as teses de Carvalho (2018), que faz uma reorganização das categorias propostas por Genette (2010), pensada à luz dos pressupostos da LT, aplicável a textos de domínios e gêneros textuais variados.

A partir deste tópico, acrescentamos o discurso sobre a intertextualidade, tema relevante dentro da área da LT, assim como de áreas afins, por se constituir como um fenômeno de escrita de novos textos, dando novos sentidos à escrita de velhos textos, seguindo a concepção de que todo texto mantém uma relação direta ou indireta com outro(s) texto(s). Esse princípio é resultado do dialogismo bakhtiniano, segundo o qual “toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa que é construída como tal” (BAKHTIN, 2004, p. 101).

Iniciamos nossa reflexão com algumas considerações sobre a gênese do termo intertextualidade.

1.1 A gênese do termo intertextualidade

Assumindo que o dialogismo é constitutivo da linguagem e que dentro desse princípio dialógico encontramos a intertextualidade, iniciamos nossa investigação com as primícias desse conceito tão caro à LT. O termo “intertextualidade” não foi instaurado por Bakhtin, mas o fenômeno é cunhado por Julia Kristeva (1974). Em sua

obra, intitulada “Introdução à semanálise”, a escritora, que é uma crítica literária, alinha-se às propostas de Bakhtin na perspectiva do dialogismo.

Kristeva (1974) argumenta em favor da noção de que um texto não existe sem o outro, quer seja como uma forma de atração ou de rejeição, permitindo que sobrevenha um diálogo entre duas ou mais vozes, entre dois ou mais discursos, passando a utilizar o termo intertextualidade ao definir o texto como um “mosaico de citações” (KRISTEVA, 1974, p.64) por entender que nenhum texto é inédito. A autora advoga que, em virtude da fusão dos textos, estes carregam, em seu conteúdo, um caráter polifônico, não havendo apenas a voz do autor inserida, mas muitas outras vozes, inclusive as de autores anteriores a ele, e passa a considerar que todo texto é a absorção de outros, transformando-se assim, em um novo texto. Consideramos essa noção essencial, pois dá origem aos conceitos cujos construtos adotamos em nossa pesquisa.

É diante da noção bakhtiniana de diálogo que a autora Júlia Kristeva (1974) considera que todo texto constitui um intertexto numa sucessão de textos já escritos ou que ainda serão escritos. Entendemos que esses textos estão armazenados em nossa memória discursiva e só passam a ter sentido na medida em que conseguimos recuperar o texto-fonte a ser ativado em nossa memória no momento que passamos a interagir com o intertexto.

Perante o exposto, já podemos considerar alguns pontos relevantes para estabelecermos uma relação com o que pretendemos investigar. A partir do momento em que os textos estão armazenados em nossa memória discursiva², é possível retomá-los através do texto-fonte (explícito) ou das alusões (implícitas), já que, para se utilizar de fenômenos intertextuais, é necessário que sejam ativados os conhecimentos sociais e culturais que podem ser adaptáveis em diferentes situações de acordo com o propósito comunicativo. É a partir dessa visão que nos propomos a trabalhar com a teoria da semiótica social de Hodge e Krees (1988), que pode ser ajustada pelas relações e pela própria sociedade, no modo como as pessoas se comunicam através dos variados significados em alguns grupos sociais.

Nesse sentido, a teoria da semiótica social respalda como princípio fundamental os modos de comunicação, assim como os recursos semióticos — cores, estilo, dentre outros — presentes na materialização do texto, oferecendo auxílio

² Para um maior entendimento acerca da memória discursiva, sugerimos Pêcheux (2007).

histórico, social e cultural a um determinado grupo de pessoas, a serem compartilhados com os sujeitos envolvidos na comunicação. Nessa dimensão, a intertextualidade passou a ser um elemento essencial do trabalho da LT, vindo a contribuir com a nossa pesquisa, pois julga-se que todo discurso construído na história da língua é resultado de discursos anteriores. Esse conjunto de discursos, por sua vez, constrói a história, pois os textos sempre trazem consigo ideias de autores anteriores, ou muitas vezes do mesmo autor em um momento distinto, entretanto sempre a exhibir algo novo em sua composição, dando o contorno da transformação que o texto antigo sofreu e estabelecendo relações de ideias convergentes ou divergentes.

Vale ressaltar que, embora seja importante sua consideração e sua exposição, não é essa a noção constitutiva de intertextualidade com a qual pretendemos trabalhar, pois evidencia uma concepção muito ampla para delimitar as regularidades do conceito de intertextualidade. Ratificamos o quão pertinente são os estudos de Kristeva (1974), já que serviram de ponto de partida para que outras pesquisas surgissem dentro do mesmo contexto que trata do colóquio entre textos, a exemplo das pesquisas de Genette ([1982] 2010), Piègay-Gros ([1996] 2010) dentre tantos outros que se inclinam a estudar a intertextualidade.

1.2 Contribuições da intertextualidade para a LT

Diante da breve contextualização sobre os estudos da Intertextualidade e os campos nos quais se enveredam, pautamos nossas discussões sobre as considerações de Genette (2010) e Piègay-Gros (2010) Esses trabalhos, ainda que desenvolvidos no âmbito dos estudos literários, deixam contribuições para um alargamento de seus critérios de análises para as pesquisas futuras, inclusive aquelas que se dedicam aos estudos das vertentes da LT em textos verbais e não verbais. Nessa mesma linha, há a contribuição de Cavalcante (2018), o qual advoga que há sentidos que dividem o fenômeno da intertextualidade em duas categorias, uma restrita e outra ampla.

Como progressão dos estudos, adotamos em nossa pesquisa como critério de análise o quadro proposto por Carvalho (2018). A autora teve a acuidade de abordar e organizar a intertextualidade, para além da literatura, dentro dos propósitos da LT em textos multissemióticos. Dessa forma, destacamos a observância pelo visual e o

contato com outros modos semióticos que provocam emoção, manipulam e formam opiniões, levando a um viés argumentativo, os quais, nas considerações de Van Leeuwen (2006), são as ações e os objetos que se desenvolvem dentro da comunicação social. Cabe destacar que as relações intertextuais não surgem de forma isolada e todo esse contexto serve para inferir que a noção de intertextualidade inicia no âmbito da literatura e alarga-se para os mais diversos estudos do texto.

É a proposta de Genette (2010) que consideramos ser a concepção mais extensiva sobre os estudos da intertextualidade, pois trata de uma renovação das categorias da teoria francesa. A partir disso, Carvalho (2018) desenvolve seus estudos para caracterizar as tipologias de intertextualidade no âmbito da LT, embora a proposta de Genette (2010) emane de uma teoria estruturalista, mais voltada para o tipo de diálogo que se dava entre textos, caracterizando uma intertextualidade mais ampla.

A intenção de Gérard Genette (2010) sobre intertextualidade faz parte das reflexões da sua obra “Palimpsestos”, que trata das categorias de transtextualidades, tendo por conceituação o modo geral do diálogo entre textos e dos tipos mais evidenciáveis. O autor propõe uma análise de como a intertextualidade ocorre dentro de um campo específico, suas reflexões são direcionadas para um conceito mais amplo de “transtextualidade”, em que as categorias transtextuais são dinâmicas e se relacionam de diversas formas. Conforme o próprio autor, “as diversas formas de transtextualidades são ao mesmo tempo aspectos de toda a textualidade [...] em grau diversos das categorias de textos” (GENETTE, 2010 p. 21). Mais tarde, sua proposta serviu de pressuposto para estudos posteriores sobre intertextualidades.

Pressupondo o conceito mais extensivo de intertextualidade, Genette (2010, p. 10) “adota como objeto da poética os estudos das relações transtextuais, que trata dos diálogos entre texto, gêneros e estilos”. Trata-se de uma intertextualidade mais limitada à copresença, adequada para aquele momento, tendo mais tarde servido de fundamentação para o trabalho de Carvalho (2018), que redimensiona tal noção para abarcar outros textos e outras semioses.

As categorias de transtextualidade de Genette (2010) foram organizadas em cinco subcategorias a fim de atender ao critério de “ordem crescente de abstração, implicação e globalidade” (GENETTE, 2010, p. 12), a saber: a intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, arquitextualidade e hipertextualidade. Com essas categorias de análises, inicialmente pensadas para o domínio dos textos literários, a

intertextualidade, na concepção do autor, ainda se encontra centrada por “uma relação de copresença entre dois ou vários textos [...]” (GENETTE, 2010, p. 12). O pesquisador considera as relações intertextuais por copresença as mais explícitas, que se dão por meio das alusões, citações e plágio.

Consideramos nesta pesquisa que o recurso analítico da alusão é uma forma mais implícita e requer do leitor um esforço maior para o reconhecimento do texto-fonte, pois a referência a esse texto é mais minuciosa.

Em conformidade com o exposto, ratificamos que, quanto mais o texto for conhecido, mais fácil será para se construir o sentido almejado pelo locutor. Frente a esse recurso, os estudos de linguagem podem prover a argumentatividade no discurso.

Nas concepções de Genette (2010) a **citação** é o fenômeno mais conhecido. Marcada de forma explícita, ela aparece entre aspas, negrito, recuo, itálico ou fonte reduzida, tornando-se mais explícito do que a alusão, bastante utilizada no meio jornalístico e acadêmico, apresentando uma transcrição exata de um texto original com o reconhecimento de sua autoria. O que não vem a ser o caso de **plágio**, o qual o autor considera pejorativamente um “roubo”, literalmente um empréstimo ao transcrever algo que não é seu, não citando a fonte ou não legitimando a autoria.

Genette (2010) define a **paratextualidade** como um conjunto de relações entre textos menos explícitas, as quais podem conter informações relevantes do texto, tendo por finalidade a análise de crítica literária. Essas informações podem estar inseridas em parte do texto, que remete aos segmentos de um texto que compõem uma obra. Assim o paratexto é conceituado como textos paralelos, “os títulos, subtítulos, prefácios, notas de rodapé, prólogos, advertências, orelhas, capas” (GENETTE, 2010, p. 13), dentre outros sinais congêneres.

O autor considera que:

Autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende (GENETTE, 2010, p. 13).

Já a **metatextualidade** é o terceiro tipo de relação transtextual e é definida por Genette (2010) como uma relação de comentários/críticas que unem um texto-fonte a outro que dele trata, aproximando-se do que está na obra, sendo classificada como intertextualidade temática. Essa relação tem a finalidade de fazer uma crítica pela qual

o outro texto comenta o texto-fonte sem necessariamente citá-lo ou mesmo nomeá-lo, acrescentando tratar-se da relação de uma crítica por excelência.

O autor exemplifica que na obra de Hegel “A fenomenologia do espírito” há uma evocação alusiva à obra “O Sobrinho de Rameau”, de Diderot, que presume um diálogo entre os personagens, os quais se identificam como ele e eu. Gèrard Genette (2010) destaca que a metatextualidade merece uma atenção mais relevante, mas que essa tarefa deve ser estudada e desenvolvida mais adiante em outros estudos. Para Carvalho (2018), esse fenômeno não se faz por copresença nem por derivação, ele é independente.

A **arquitextualidade** é definida pelo autor como um tipo transtextual que se distancia do processo intertextual em sentido restrito, é uma espécie de filiação do texto a outras categorias, como as do discurso, modo de enunciação, gêneros, dentre outros em que o texto não está incluído, e por isso torna-se único — “mais abstrato e mais implícito” (GENETTE, 2010, p. 15). Diz respeito, portanto, a uma classificação taxonômica que se manifesta de forma explícita ou não explícita em que se inclui um texto. Esse tipo de relação transtextual destaca-se dentro do âmbito literário referente aos textos de gêneros específicos como contos, poesias, romances e outros, sendo de competência do autor ou do leitor a nomeação.

Por fim, a categoria da **hipertextualidade** é a relação transtextual que, segundo o autor, dedicou a maior parte de seus estudos por ser mais complexa, e conceitua esse evento como tratando-se de um texto que deriva de outro texto que lhe é anterior, dando-se por “transformação” simples, direta, indireta ou por “imitação”, a forma mais hermética, sendo aqueles textos que se originam de outros textos já existentes, o qual Genette (2010) chamou de hipotexto e o texto derivado chamou de hipertexto. Em discordância, Carvalho (2018) preferiu chamar essa categoria de alusão ampla por ser formado por gênero, estilo e aspecto.

Na proposta de Genette (2010, p. 18), a hipertextualidade apresenta-se como:

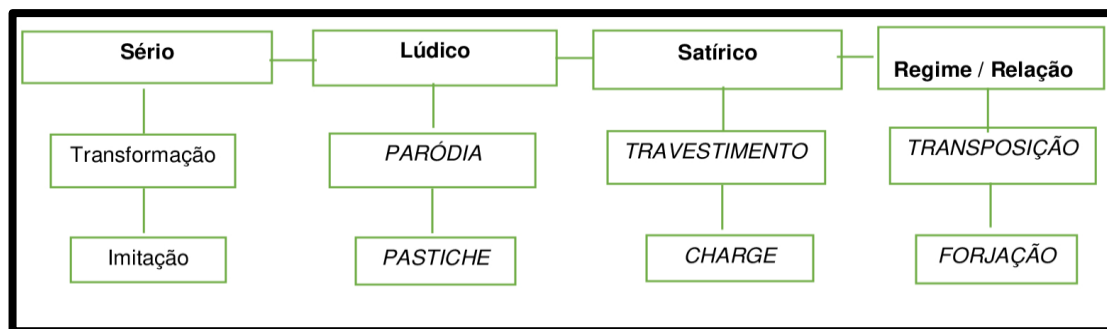
Uma relação que une um texto B (que chamarei *hipertexto*) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei *hipotexto*) do qual ele *brota* de uma forma que não é a do comentário [...] Esta derivação pode ser de ordem descritiva e intelectual, [...], (por exemplo, uma página da *Poética* de Aristóteles) “fala” de um texto (*Édipo rei*). Ela pode ser de uma outra ordem, em que B não fale nada de A, no entanto não poderia existir daquela forma sem A, do qual ele resulta, ao fim de uma operação que qualificarei, provisoriamente ainda, de *transformação*, e que, portanto, ele evoca mais ou menos manifestamente, sem necessariamente falar dele ou citá-lo.

O termo **hipertextualidade**, portanto, refere-se ao texto A, que faz o comentário de um texto, e ao texto B, aquele que faz as alterações de forma e conteúdo, o qual incide sobre o texto original, direcionando para construção de outro por **transformação**, forma mais simples e direta, notadamente presente na paródia, no travestimento burlesco e na transposição. Para a **imitação**, teremos uma forma mais complexa, o que seria o caso do pastiche, da charge e da forjação, sendo chamada de uma transformação indireta.

Com base nisso, podemos considerar que a **transformação** opera a passagem de um texto específico a outro, em que se evidencia um diálogo, admitindo-se, assim, os processos de alteração de estilo ou gênero literário, com o cuidado de não perder elementos semânticos. Exemplos disso são as obras “Ulisses” (James Joyce) e “Odisseia” (Homero), em que “Ulisses” deriva da “Odisseia”. Há, assim, transformações genéricas, de poemas épicos a romance de fluxo de consciência, que transpõe a ação da obra grega para Dublin.

Pelo viés da **imitação**, há a abstração de um texto específico ou de um conjunto de textos que apresentam características de estrutura comuns. Aqui o autor não deixa claro para o leitor se a imitação se trata de um gênero ou de um estilo do autor. Genette (2010) retoma o exemplo da Odisseia como uma imitação de “Eneida” (Virgílio), em que há uma história distinta, mas mantendo as características formais e temáticas da primeira, considerada pelo autor uma espécie de epopeia adâmica, tomada como base por todas as outras.

Genette (2010) passou a perceber que o termo paródia é utilizado para distinguir alterações maiores que as da recontextualização: “usamos [paródia] para designar ora a formação lúdica, ora a de transposição burlesca de um texto, ora a de imitação satírica de um estilo” (GENETTE, 2010, p. 36). Por esse motivo, é necessário que façamos a distinção das funções por força da reforma terminológica e taxonômica que se encerra na (re)definição do termo. Logo depois, o autor viu a necessidade de uma reclassificação dos casos de gêneros neutros, em que a transformação e a imitação foram nomeadas de forjação e transposição. Em síntese, as classificações são as seguintes, de acordo com o quadro abaixo elaborado pelo próprio autor:

QUADRO 1 – Quadro geral das práticas hipertextuais

Fonte: GENETTE, (2010, p. 42)

A partir da análise do quadro 1, é possível distinguir a proposta de Gerard (2010) para o regime (lúdico, satírico e sério), que se define pela comparação entre hipotexto e hipertexto, pois são desenvolvidas a partir das marcas intertextuais e não pelo propósito idealizado pelo enunciador para o texto.

Destacamos que, para o regime de imitação, Carvalho (2018) não usou o pastiche e nem a charge, pois preferiu chamá-los de imitação de gênero e estilo, ressaltando a possibilidade de despertar o riso ou a crítica, não fazendo distinção entre eles, e para o termo forjação elencou um regime sério, não sendo humorístico nem satírico, simplesmente sério. Esse foi tratado por Genette (2010) como a imitação de padrões genéricos, em que se faz a própria reprodução do gênero em um texto novo, sem hibridez, momento que se infere o caráter intertextual, que se firma na literatura como cânones, o que vem a ser o caso das epopeias clássicas. Em outras palavras, quando se pretende escrever um texto épico, esse deverá seguir os devidos padrões de estrutura e conteúdo que evidenciam esse gênero.

Com o avançar das pesquisas em LT, naturalmente o termo intertextualidade vem se redefinindo, sendo rediscutido, e as contribuições teóricas da crítica Julia Kristeva (1974) possibilitou que outras pesquisas surgissem na busca pelo refinamento da definição do termo, passando pelo trabalho de Genette (2010) para as definições de novas ideias, ainda que no arcabouço literário. Essa visão é ampliada com as contribuições de Piègay-Gros (2010), que em seus estudos trata de fazer uma lapidação do quadro classificatório de Genette (2010), formulando uma classificação para as pesquisas de intertextualidade.

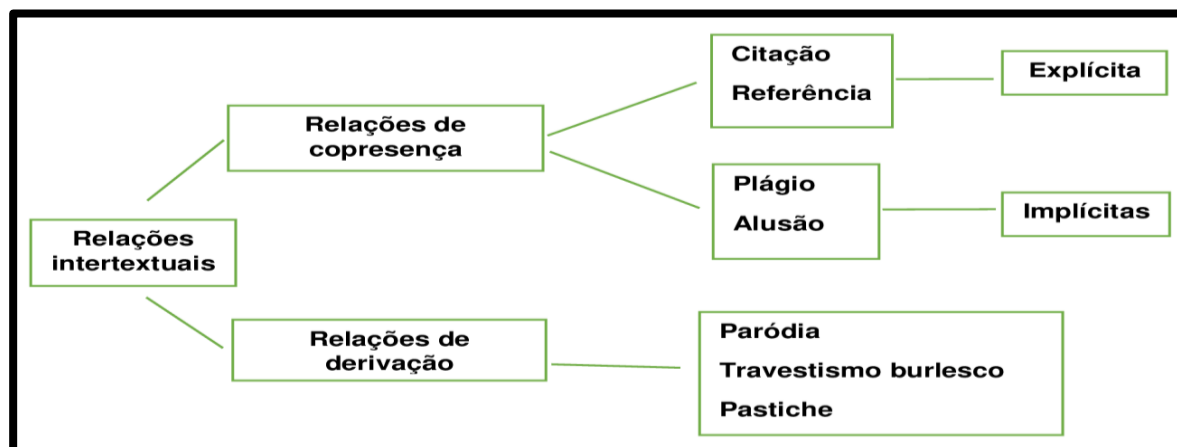
Nessa proposta, Piègay (2010) reorganiza o quadro proposto em Genette (2010), no qual encontramos a noção de intertextualidade ainda centrada no âmbito literário, distanciando-se da concepção de texto como unidade de sentido,

enxergando-o como evento comunicativo, como defendido pela LT. Todavia suas redefinições e renomeações de categorias seguem preservadas de acordo com as de Genette (2010).

Essa reorganização é feita sugerindo-se dois tipos de processos intertextuais, a saber: i) **copresença** — sobre a qual o autor apresenta algumas distinções como explicitude/implicitude, além de acrescentar a **referência**, que não aparece no quadro de Genette (2010), como tipo de intertextualidade por copresença; e ii) **derivação**, que são as transformações.

Cavalcante (2018) faz a ampliação dos estudos de Piègay (2010) para além do domínio literário e resume a proposta do autor no seguinte esquema:

QUADRO 2 – Relações intertextuais de Piègay-Gros (1996)



Fonte: CAVALCANTE (2012, p. 146)

Na proposta de Piègay, as relações intertextuais apresentam-se por **copresença** e por **derivação**. Conforme o autor, chamamos de **copresença** aquela relação intertextual em que há a introdução de um texto ou partes deste dentro de um outro texto; e recebe o rótulo de **derivação** aquela relação em que o texto deriva de outro anteriormente produzido. Tanto para Genette (2010) quanto para Piègay (2010), a **citação** é a primeira relação de copresença explícita, considerada a forma canônica de intertextualidade, já que considera a inserção evidente de um texto noutro.

Entretanto, Piègay alerta para o fato de que o difícil não seria reconhecer a citação, já que esta aparece com marcas tipográficas que demarcam os limites entre o texto citado e o texto que cita, mas sim no fato de identificá-la e interpretá-la, pois de acordo com Piègay (2010, p. 222):

[...] à escolha do texto citado, os limites de seus recortes, as modalidades de sua montagem...em muito das funções tradicionais que lhe são atribuídas: a autoridade e a ornamentação, pois no romance ela pode ser inserida tanto na temática como na escrita da narração.

Outra relação intertextual é a **referência**, cuja classificação não aparece no quadro de Genette (2010). Como dito, ela foi elencada por Piègay (2010) em sua proposta como relação de explicitude em concomitância com o intertexto, não expondo o texto ao qual faz remissão. Sobre ela ainda se acrescenta que, mesmo que a referência seja uma forma de citação, difere-se da alusão uma vez que essa última é um tipo de citação mais discreta e que requer um esforço maior por parte do leitor.

Nas relações de implicitudes, também encontramos o **plágio**, considerado uma citação sem marcas tipográficas, que ocorrem quando se fazem citações de textos alheios sem citar a fonte, podendo até ser qualificado como um “roubo”. Afirma o autor que “será tanto mais condenável quanto mais literal e longa for a repetição da passagem” (PIÈGAY, 2010, p. 224-225).

Após os esclarecimentos sobre os processos de copresença, discutimos a seguir sobre as intertextualidades por **derivação**, caracterizadas quando o intertexto é formado a partir de um texto ou partes dele. Em síntese, é a situação em que o texto passa a ser transformado, modificado. Aqui destacamos as derivações por paródia, travestismo burlesco e pastiche.

A propósito da **paródia**, Piègay (2010) mantém a caracterização de Genette (2010) e postula tratar-se da transformação de um texto cujo conteúdo é modificado, assim como o **pastiche**, que se refere à imitação em um caráter mais amplo, englobando estilo ou estrutura. Já para o conceito de **travestismo burlesco**, Piègay (2010) diz tratar-se “da reescritura de um estilo, a partir de uma obra cujo conteúdo é conservado” (PIÈGAY; GROSS, 2010, p. 230).

O autor deixa claro que a paródia e o travestimento burlesco não são caracterizados pela economia na modificação, mas sim pela amplificação para um caráter mais vulgar ou mesmo satírico. No entanto é importante destacar que não se deve fazer uma diferença drástica entre esses estilos (lúdico e satírico), pois esses são maleáveis e cabe ao “leitor determinar que eficácia particular reconhece nesses diferentes textos” (PIÈGAY, 2010, p. 238). E acrescenta:

O travestimento burlesco retoma o tema, mas se afasta bastante da forma do texto da qual se desvia. Trata-se, pois, de uma suposta memória de fatos e de episódios, de temas e personagens, pois sua eficácia depende do

reconhecimento do texto no qual ele se insere. Mas, sobretudo, o travestimento burlesco é baseado na consciência aguda da separação e da hierarquia dos gêneros e de sua estreita correlação com um nível de estilo [...] O cômico e o satírico nascem, com efeito, de uma discordância, fundante do burlesco, entre o tipo de tema e o registro estilístico no qual é trabalhado. O texto é travestido como se fosse um rei disfarçado de mendigo, mas que mantivesse sua linguagem (PIÉGAY 2010, p. 234).

Aqui destacamos as contribuições de Cavalcante (2018) no que se refere ao quadro de Genette (2010). A autora trata o travestismo burlesco como sendo um texto travestido, ou seja, transformado, e diz que há uma modificação. Nas palavras da autora, “há uma transformação de um estilo, no caso, do que considerariamos um texto sério, passível de referências, a um texto depreciativo, com tom eminentemente satírico: é como dar uma caricatura grotesca a um ‘nobre’” (CAVALCANTE, 2012, p. 164).

A partir das análises do que foi discutido, destacamos que muitos pesquisadores investigam o fenômeno da intertextualidade. Salientamos a importância das diversas contribuições e dos quadros teóricos referentes ao diálogo entre os textos. Cabe ressaltar, entretanto, que esta pesquisa se concentra na proposta de discussão de um tipo específico de intertextualidade: a ampla por alusão.

Nesse sentido, para embasar nosso trabalho, assumimos os aportes de Carvalho (2018), o qual defende, em sua tese intitulada “Sobre intertextualidade Estritas e Amplas”, o objetivo de “(re)definir as intertextualidades, distinguindo-as em estritas e amplas, bem como (re)organizar as categorias, considerando os indícios presentes na superfície textual” (CARVALHO, 2018, p. 11).

O estudo da pesquisadora é importante para nossa pesquisa por trazer a reorganização das propostas de categorias de Genette (2010) e as classificações de intertextualidade amplas. Além disso, a autora oportuniza a progressão dos estudos sobre a intertextualidade ao observar a perspectiva multissemiótica, que serve de base para alcançar nosso objetivo de investigar de que forma as marcas de intertextualidade ampla e os estereótipos estão relacionados à condução argumentativa em textos multimodais.

Assim, a autora considera ser possível provar, de modo mais criterioso, o fenômeno intertextual em texto multimodal. Ela deixa claro, sobretudo, que, além do diverso referencial que utilizou para desenvolver seu trabalho, é na esteira dos trabalhos de Genette (2010) que toma por base suas categorias, assim como as de Nobre (2014) sobre a oposição entre as intertextualidades estritas e amplas. Carvalho

(2018) se debruça nesses três fundamentos para construir um quadro geral que pudesse ser aplicado às ocorrências concretas que abrange textos multissemióticos.

Por isso, diante das principais abordagens sobre a intertextualidade, Carvalho (2018) considera a reorganização das categorias propostas por Genette (2010) e defende que o fenômeno da intertextualidade “não se dá apenas nos casos em que é possível retomar, com exatidão, o(s) texto(s) original(is) a que se recorreu”. (CARVALHO, 2018, p. 15). Cabe ressaltar que a intertextualidade é tratada pela autora como um fenômeno textual-discursivo, o qual se dará pela relação de construção, reprodução ou transformação para se construir o sentido. Enfatizamos que, do quadro proposto por Carvalho (2018), interessa-nos os estudos das intertextualidades amplas por alusão.

Assim, a pesquisadora admite duas situações para o fenômeno dos processos intertextuais:

i) quando há diálogo entre textos específicos, dado pela inserção de partes de um texto em outro, ou pelas modificações operadas em um texto de modo que se transformou em outro, ou, ainda, quando um texto cumpre a função de comentar outro, casos a que chamamos intertextualidade estrita; e/ou ii) quando não há a retomada de um texto específico, mas se verifica a imitação entre gêneros do discurso ou entre estilos de autores ou quando um texto alude a conteúdos explicitados em textos diversos, situados a que chamamos intertextualidade ampla (CARVALHO, 2018, p. 19).

Como vimos, a autora aborda o aspecto **constitucional**, em que as intertextualidades se subdividem em duas categorias, as estritas (formal) e as amplas, não excludentes, pois em um mesmo texto podem coexistir intertextualidades estrita e ampla. No caso de ocorrências estritas, estas dão-se por **copresença** e **derivação** e, no segundo caso, as “amplas”, ocorrem pela imitação de padrões de gênero, estilo do autor que se manifesta pelas **alusões**. Importa acrescentar que, apesar de serem diferentes, esses não se eliminam mutuamente, havendo a possibilidade de um ou outro coexistirem em um mesmo texto.

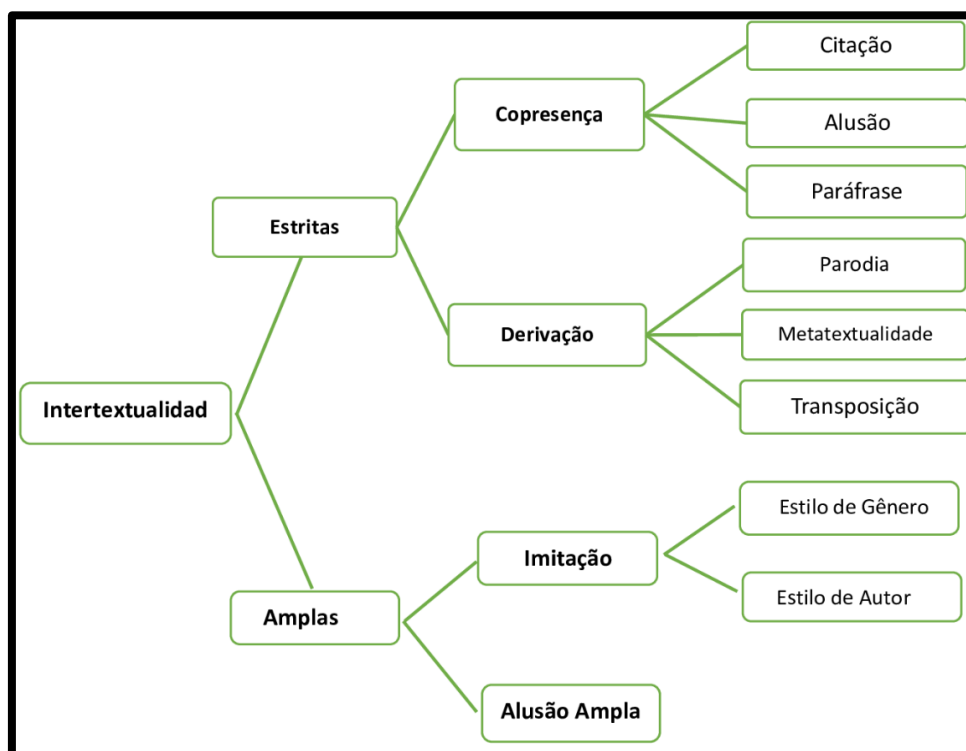
Quanto ao aspecto **formal**, Carvalho (2018) constitui dois tipos de intertextualidades: no primeiro tipo, as intertextualidades estritas; e no segundo, as amplas. As segundas são subdivididas pela autora em dois grupos: as estritas — copresença e derivação; e amplas — imitação de parâmetros de gênero, imitação do estilo do autor e alusões.

Quanto à **função** das intertextualidades, Carvalho (2018) posiciona-se contrariamente a Nobre (2014), que usa o caráter de convergência/divergência,

dividido em funções sérias e funções lúdico-satírica, relacionadas com as marcas de recurso intertextual e o texto-fonte ou o parâmetro genérico retomado. Para Carvalho (2018, p. 84), “as funções das intertextualidades ultrapassam os limites formais”. Em sua tese, a autora reconhece que as funções relativas às relações intertextuais vão além das marcas formais, por entender que essas são intencionais e têm o propósito de influenciar o leitor, tornando-se, assim, argumentativas. Ademais, sustenta que as relações intertextuais podem assumir diferentes funções diante dos propósitos pretendidos do texto ou mesmo do autor e enfatiza que a intertextualidade cumpre uma função argumentativa quando essa passa a ser utilizada como uma estratégia do locutor para a construção de determinado sentido a seu propósito do dizer, pois nenhum texto é neutro do ponto de vista discursivo e argumentativo.

Passamos a observar as classificações propostas por Carvalho (2018), das quais tomamos por base para embasar nossa pesquisa o recorte do quadro quanto à abordagem intertextual ampla por alusão.

QUADRO 3 – Classificação das intertextualidades estritas e amplas



Fonte: CARVALHO (2018, p 110)

Com base no quadro 3, entendemos que a autora declara sua intenção de reorganizar as categorias de relações intertextuais, partindo das contribuições de

Genette (2010), no sentido de mostrar e considerar o fenômeno intertextual nas diversas manifestações, inclusive naquelas voltadas aos textos multissemióticos. Também é claro seu interesse, assim como o nosso, no estudo das intertextualidades amplas, já que a pesquisadora considera as intertextualidades estritas analiticamente e teoricamente provadas.

No bojo das intertextualidades amplas, objeto da nossa pesquisa, Carvalho (2018) assume o posicionamento de que elas, precisamente, não se dão do diálogo entre textos específicos, mas sim do diálogo entre textos ou uma multiplicidade de textos compartilhados coletivamente por participantes que atribuem sentido inserido dentro do contexto das instituições sociais. Por essa razão, tomamos por base a teoria da semiótica social para a análise de nosso *corpus*, tratada por Ribeiro (2021), respaldando-se nas concepções de Kress e Van Leeuwen (2006), como reflexão voltada não apenas ao linguístico, mas em todos os outros modos semióticos que não se esgotam na primazia do verbal, na função social da linguagem que se encontra sempre em processos de construção.

Para o fenômeno intertextual amplo, Carvalho (2018) propõe três (3) condições para que ocorram, quais sejam, seguir ou não, pelo processo de reconhecimento do interlocutor por: i) imitação de gênero; ii) imitação de estilo de autor; iii) alusões amplas na qual um texto faz menção a outros textos, sem haver um específico. Esse último, a propósito, subsidia a nossa pesquisa pelo fato de engendrar associações entre contextos sociais, em que o locutor se valia para deixar implícito um posicionamento sem afirmar de forma clara.

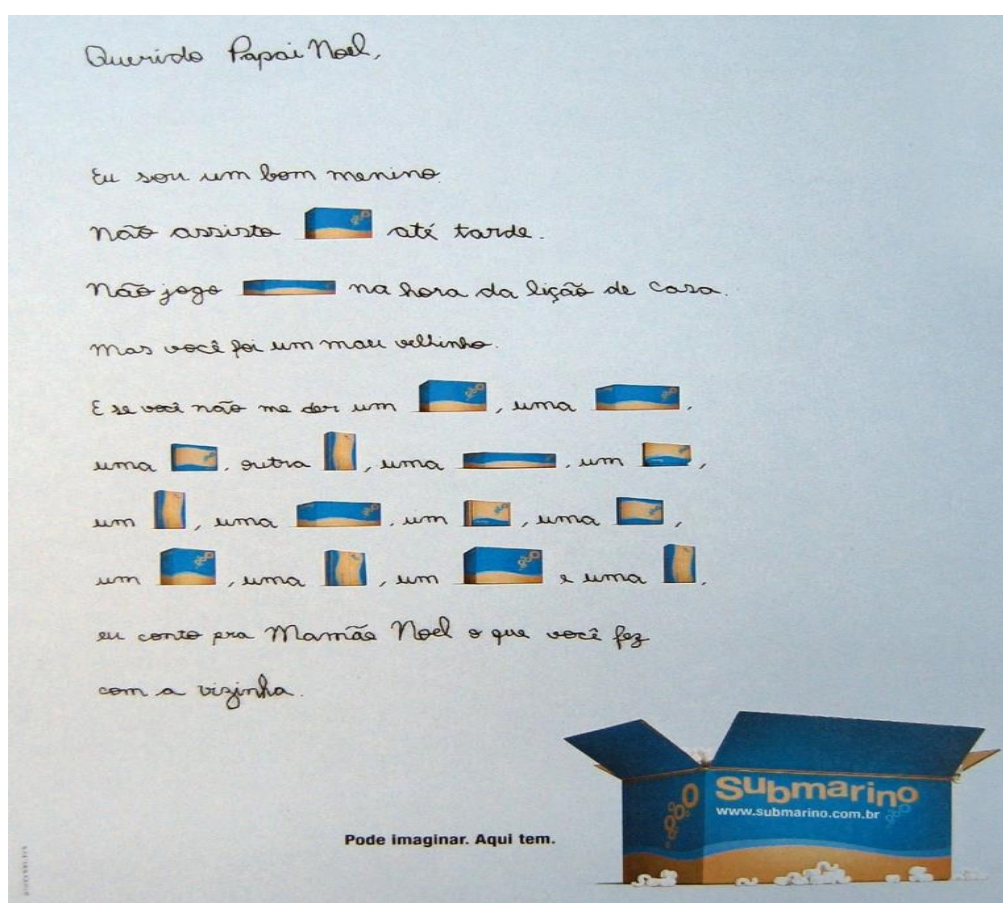
É notório nas situações propostas pela autora que as evidências textuais podem ser identificáveis ou não pelo interlocutor. Para um melhor entendimento do que estamos falando, conceituamos e exemplificamos os parâmetros descritos por Carvalho (2018), que revela três categorias relacionadas às intertextualidades amplas. Uma por **imitação de gênero**, a qual postulou duas possibilidades: a de **autorreferenciais**, que são as marcas.

[...] peritextuais, pois indicam uma inscrição de gênero chamado de “etiquetas” ou mesmo aquelas por vias indiretas, sendo eles os elementos temáticos, enunciativos, composicionais, intencionais, interativos, dentre outros, chamados pela autora de elementos inferenciais, a partir das quais é possível alcançar as configurações de gêneros (CARVALHO, 2018, p.111).

Acerca desse fenômeno, chamamos a atenção para o posicionamento de Koch (2004) e Koch, Bentes e Cavalcante (2007), que nomeiam o fenômeno como **intertextualidade intergenérica**, dado que um gênero exerce a função de outro. Entretanto Carvalho (2018) preferiu chamar esse fenômeno de imitação de gênero, pois considera ser possível retomar o texto-fonte, mas como ocorrência do processo intertextual amplo.

Vejamos o exemplo 1, proposto pela autora para demonstrar a ocorrência desse fenômeno.

EXEMPLO 1 – Querido Papai Noel



Fonte: CARVALHO, (2018, p. 113)

Em sua pesquisa, Carvalho (2018), ao observar o gráfico e o léxico no texto, infere que há a indicação de uma simulação na produção de uma carta de uma criança ao Papai Noel, pois espera que lhe seja destinado um presente. É possível inferirmos que se trata de um gênero publicitário, pista deixada pelo nome na caixa (“Submarino”) que pertence a uma loja virtual de venda de produtos diversos, e não do gênero carta pessoal.

Conforme explicita a autora, essa ocorrência foi denominada de intertextualidade intergenérica. Reforçamos ainda que, no exemplo 1, a função do gênero seria a publicidade e tem o intuito de persuadir, não se tratando de um gênero de natureza epistolar.

Carvalho (2018) enfatiza que o texto traz o processo **imitativo de gênero**, sendo indiciado por aspectos enunciativos que ajudam a recuperar a mobilização de parâmetros do gênero carta pessoal. Tal processo é recuperável pela subjetividade dos pronomes (“eu” e “tu”, marcado pela presença do vocativo) e, ao mesmo tempo, as características e os valores particulares dessa inscrição.

Para o processo de **imitação de estilo**, a autora sumariza duas categorias: uma para “imitação de estilo de autor”, que “refere-se às particularidades discursivas e textuais que criam uma imagem do autor, o efeito de individualidade[...] e ‘estilo de gênero’ refere-se a uma seleção de meios linguísticos”. (CARVALHO, 2018, p. 115).

Para esse processo de **estilo de gênero**, a autora propõe o exemplo de um *post* do perfil Suricate Seboso:

EXEMPLO 2 – Suricate Repórter



Fonte: CARVALHO (2018, p. 116).

Para esse processo, Carvalho (2018) apresenta o texto da página de humor Suricate Seboso, criada em 2012 para veicular *posts* que retratam o cotidiano dos nordestinos. Aqui chamamos a atenção para os elementos textuais que constituem

estereótipo nordestino, que trazem por base os conceitos de Amossy (2010) de uma representação coletiva fixa, um modelo cultural que circula nos discursos e textos. O *post* utiliza-se das temáticas referentes à infância, vida social e relações familiares e traz a retomada da cena de abertura do programa Globo Repórter, transmitido dos anos 1970 até 2019 pelo apresentador Sérgio Chapelin na Rede Globo.

As pistas deixadas pelo locutor do texto, como “os pidão” e “u oião”, levam a uma orientação argumentativa que influencia os modos de ver e sentir do interlocutor. É por essa influência que o locutor do texto tenta influenciar o interlocutor por meio dos estereótipos criados por este na figura do Suricate ao representar o nordestino impregnado de preconceito e de construções sociais que levam a sociedade a enxergar esse povo como uma figura inferior.

A autora também infere que os aspectos verbais e imagéticos orquestram o recurso intertextual amplo para satirizar e fazer piada. É possível induzir que o ponto de vista imagético e o estilo do programa aparece evocado por elementos como o Suricate de terno e gravata, com um microfone na lapela, como o próprio apresentador Sérgio Chapelin se apresentava, assim como o próprio cenário do programa. Esses elementos, do ponto de vista do semiótico social, fazem com que se construam pontos de vista e opiniões que irão desencadear uma argumentação, entendidas por Amossy (2018) como atreladas às coerções sociais.

Do ponto de vista composicional, é possível depreender o apontamento de inúmeras indagações que remetem ao programa original que, segundo a autora, têm como fim despertar a curiosidade do público e se configuram como marca que singulariza a atração. Além da repetição do dia da semana, em que o programa ia ao ar (às sextas-feiras), bem como do próprio nome Repórter, podemos mesmo sugerir que, por influência de todos esses apelos, os elementos sonoros, como a música e a voz do apresentador, presentificam-se na memória do leitor e são inerentes ao processo de construção de sentidos.

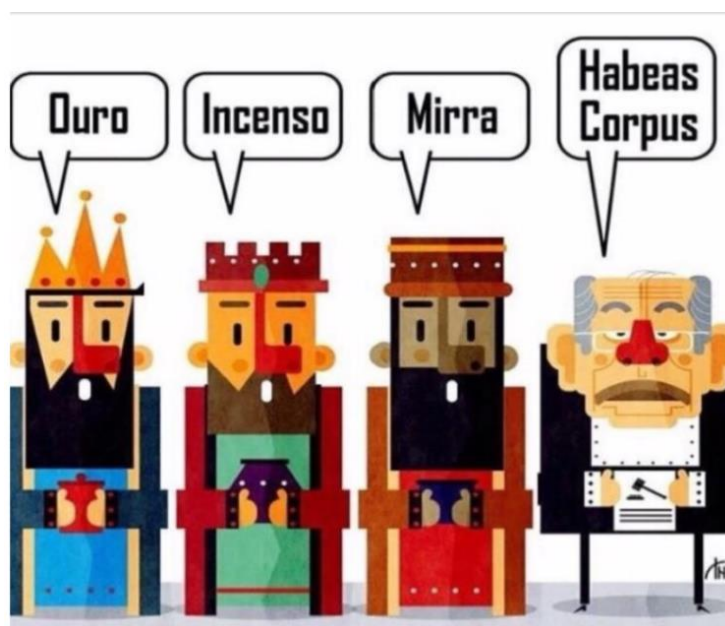
Já para o **estilo de autor**, Carvalho (2018) traz o exemplo do conto “A terceira margem do rio”, do escritor Guimarães Rosa, publicado em 1962, e “Nas águas do tempo”, narrativa que abre “Estórias abensonhadas”, do autor Mia Couto, publicado em 1994. A autora destaca que há características que reforçam a hipótese de que Mia Couto escreveu sua história a partir da leitura que fez do conto “A terceira margem do rio”, numa espécie de homenagem a Guimarães Rosa. Martin (2010) corrobora afirmando que os elementos a partir dos quais se estruturam os dois contos, ambos

narrados em primeira pessoa, por um filho e por um neto, constituem indícios do diálogo entre os estilos de autor.

No que concerne às **alusões amplas**, as ocorrências verificam-se na referência difusa a fatos, conteúdos ou situações, os quais estabelecem uma relação tangível entre um texto e diversos outros, ou seja, fazem referência a acontecimentos ou situações que, mesmo não retomando o texto específico, podem estabelecer uma relação real e indireta entre um e diversos outros textos partilhados coletivamente em uma dada cultura, principalmente os aspectos semióticos ajudam na construção dos estereótipos através da construção de sentido. Teoriza-se uma tentativa de elencar uma quantidade significativa de textos, mesmo que de forma não consensual, em que haja o (re)conhecimento de um diálogo entre eles.

Para descrever o caso de **alusão**, Carvalho (2018), traz o exemplo do *post* “Habeas Corpus”:

EXEMPLO 3 – Habeas Corpus



Fonte: CARVALHO (2018, p. 121)

Segundo Carvalho (2018), o *post* traz um texto que faz alusão à narrativa da Bíblia sobre o evangelho de Mateus, que relata o nascimento de Jesus e a visita dos três Reis Magos. Conforme a narrativa bíblica, os Magos do Oriente ofereceram presentes preciosos ao menino Jesus. Na imagem, é possível perceber uma abordagem multimodal, através da qual é possível verificar a intertextualidade ampla alusiva à presença dos três reis e seus presentes, a saber: ouro, incenso e mirra. Vemos uma quarta imagem, a do ministro do Supremo Tribunal Federal – STF, Gilmar

Mendes, também com o que se dispõe para presentear, o que nos faz retomar as inúmeras críticas à atuação do ministro, sobretudo pelo fato de ele conceder *habeas corpus* a inúmeros políticos envolvidos em importantes investigações de corrupção caracterizando a presença do estereótipo do político corrupto.

De acordo com Carvalho (2018), o recurso intertextual aponta para o fato de que, assim como os Reis Magos ofereceram presentes ao menino Jesus, o ministro também oferece aos seus uma oferta preciosa que é a liberdade. Segundo a autora, infere-se que há no texto um diálogo intertextual estrito com a narrativa bíblica, que faz alusão aos presentes citados.

Na alusão ampla, temos uma referência difusa a fatos, conteúdos ou situações que, embora não retomem os textos específicos, estabelecem uma relação ainda tangível entre um texto e diversos outros. A autora acrescenta que, no exemplo 3, os indícios se dão a partir do momento que (re)construímos o diálogo intertextual, a redundância de (sub)tópico(s) discursivo(s), presentes especiais, bem como as expressões referenciais que marcam essa redundância — ouro, incenso, mirra e *habeas corpus* — associadas às figuras que representam as personagens. Dito de outra forma, usamos da intertextualidade para construir argumentos a permitir revelar posicionamentos sobre questões polêmicas.

Dentre os demais exemplos analisados, a autora destaca que: “a nosso ver, são inúmeros e significativos demais os casos que poderiam ser categorizados sob o rótulo de alusão ampla” (CARVALHO, 2018, p. 127). Corroboramos com a autora, posto que as alusões amplas se exteriorizam nos variados textos que circulam em uma específica situação em uma dada cultura.

É importante uma abordagem mais detida das intertextualidades amplas, em especial aquelas que mantêm relação com as alusões. Pois, dada a proposta de Carvalho (2018), objetivamos o propósito desta dissertação, que é investigar de que forma a intertextualidade ampla por alusão e os estereótipos estão relacionados à condução argumentativa em textos multimodais.

No próximo capítulo de nossos estudos, propomo-nos a investigar sobre argumentação, intertextualidade e estereótipos. Pautamo-nos em descrever o lugar da argumentação em que nos situamos e definimos o que entendemos por dimensão argumentativa do texto, assim como de que forma relacionamos e defendemos que os processos intertextuais e estereótipos estão relacionados à argumentação de textos multimodais.

2 ARGUMENTAÇÃO À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Neste capítulo, apresentamos o conceito de argumentação para a LT. A argumentação não é objeto de investigação da LT, no entanto a abordagem argumentativa do discurso, proposta por R. Amossy, e a LT preveem descrever inscrição da argumentação em textos em uma análise pautada em parâmetros de textualização, despertando o nosso interesse pela teoria, já que nos propomos a investigar a relação entre a intertextualidade ampla por alusão e estereótipos na condução argumentativa de textos multimodais.

Para estabelecermos um diálogo com a abordagem da argumentação, adotamos a concepção proferida por Amossy (2010), para quem argumentar consiste na:

[...] tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário [...] na tentativa de fazer aderir não somente a uma tese, mas também a modo de pensar, de ver e de sentir (AMOSSY, 2010, p. 130).

Em consonância com Amossy (2010), inferimos que argumentar é usar das técnicas da linguagem em uso para tentar convencer o outro e que não são somente os textos que defendem uma tese que contêm argumentos ou são argumentativos. Entendemos que os textos são construídos através de perspectivas diferentes que buscam, de certa forma, influenciar o outro. Diante dessa perspectiva, podemos dizer que o texto é conduzido por um viés argumentativo.

Com isso, atribui-se que a LT tem o intento de explicar e descrever as estratégias de textualizar os propósitos dos sujeitos que agem em práticas discursivas. Segundo Macedo (2018), Amossy (2018) coloca como tarefa de sua proposta o estudo das “modalidades múltiplas e complexas da ação e da interação linguageira” (AMOSSY, 2018, p. 11), dos funcionamentos discursivos da linguagem situada e a maneira como esses funcionamentos se filiam à retórica nos mais diversificados textos, os quais são alicerçados aos variados campos da atividade humana nos variados gêneros. Consequentemente, a LT pode estabelecer uma interface profícua com a análise do discurso no sentido de analisar a argumentatividade registrada nos textos.

A fim de promovermos um alinhamento teórico adequado, consideramos o posicionamento de Cavalcante *et al.* (2020, p. 102), “todo texto é conduzido por uma orientação argumentativa, a qual, por meio de recursos vários, busca promover a

adesão a um ponto de vista, ou busca influenciar um modo de percepção do mundo”. Essa concepção de texto é fundamentada em Amossy (2018), que também vem fazendo uma articulação teórica entre a Retórica e a Análise do Discurso de origem francesa de Maingueneau e a semiolinguística de Charaudeau, pautando-se em uma visão argumentativa das coerções socioinstitucionais que estão atreladas, uma negociação do sujeito que se dá por meio dos recursos de linguagem na tentativa de influenciar o outro.

Assim, entendemos que argumentar consiste na persuasão diante de uma convenção inferida pela construção de sentido, inclusive mediante os recursos multimodais com a finalidade de provocar no interlocutor o efeito persuasivo. Admitimos ainda que, por se tratar de uma negociação, pode haver nos textos sentidos planejados pelo locutor, refletindo em efeitos de sentidos produzidos pelo interlocutor para um viés argumentativo.

Amossy (2018) considera que o ato de argumentar deve ser "estudado no nível de sua construção textual, a partir dos procedimentos de ligação que comandam seu desenvolvimento" (AMOSSY, 2018, p. 41) Assim, devemos levar em consideração as categorias de ordem textual, dentre elas destacamos aquela que nos interessa, a intertextualidade, a qual nos proporcionará esclarecer a argumentatividade em conjunturas tangíveis de uso da linguagem, subsidiando o estudo dos funcionamentos dos discursos.

No eixo da argumentação, citamos o estudo de Macedo (2018), intitulado “Análise da Argumentação no discurso: Uma perspectiva Textual”, que analisou o funcionamento da argumentação no discurso e o fenômeno da intertextualidade como estratégia argumentativa em situações discursivas aplicáveis a textos de domínios e gêneros textuais multissemióticos. Uma outra importante contribuição é oriunda da pesquisa de Soares (2018), que desenvolveu em seus estudos os processos referenciais por nomes próprios como estratégias argumentativas ancorando-se em estereótipos. Destacamos que todas essas pesquisas são de suma importância dentro dos aspectos da argumentatividade na sua mais variada dimensão, porque contribuem de modo plausível, considerando o propósito de nossa pesquisa.

Nesta dissertação, ratificamos a relevância das contribuições teóricas da pesquisadora Amossy (2018). Compreendemos que o texto é orientado pela argumentatividade, na qual, por meio do discurso, são utilizados variados recursos

para impulsionar um ponto de vista ou mesmo influenciar o outro. É notório que o ato de argumentar consiste em uma negociação persuasiva de sentidos.

[...] i) há textos que comportam somente dimensão argumentativa, Isto é, um posicionamento (mais ou menos explícito) frente a determinada doxa, limitando-se a orientar o interlocutor a certa perspectiva por meio do compartilhamento de opinião, crença o valor e ii) há textos que se organizam pela predominância e sequências argumentativas (ADAM, 2017), ou seja, que manifestam a defesa deliberada de uma tese, aos quais chamamos texto de visada argumentativa.

Devemos esclarecer que os textos desprovidos de **visada argumentativa** são aqueles mais amplos, porque equivalem à "tendência de todo discurso a orientar os modos de ver do(s) parceiro(s)" (AMOSSY, 2010, p. 131). Partindo desse ponto, entendemos que, para ocorrer, basta que um ponto de vista se manifeste sobre outro para que haja divergências, sendo estas as condições para a existência argumentativa, ou seja, a dimensão argumentativa que tem por propósito direcionar a percepção do interlocutor para uma devida perspectiva das coisas. Para Macedo (2018, p. 46) "busca-se influenciar os modos de ver e de pensar do auditório, atualizando um tema de interesse social sem, no entanto, defender explicitamente uma opinião sobre tal tema"

Nos discursos de **dimensão argumentativa**, consideram-se os textos que contêm estratégias persuasivas programadas. Podemos citar, por exemplo, as notícias, revistas e blogs, ação judicial, carta pessoal dentre outros. Nesse caso, é pertinente ressaltar que o locutor, ao produzir o texto, utiliza-se de estratégias com o intento de levar a audiência a aderir à sua opinião ou aos argumentos sobre o que lhe é conferido.

Convém, neste ponto, registrar que os textos, de modo particular em suas produções, tendem a direcionar a um ponto de vista que levará a uma argumentação em certos modos de interagir em concordância com os recursos utilizados no ato da interação. É oportuno esclarecer que a argumentação estabelece uma relação com a intertextualidade, que, através de pistas contextuais/contextuais, aludem a estereótipos, haja vista que o interesse desta dissertação centra-se na investigação da intertextualidade ampla por alusão e estereótipos para a condução argumentativa dos textos multimodais.

Dando continuidade à discussão a seguir, na discussão do exemplo 4, Macedo (2018) propõe mostrar uma amostra de texto desprovido de **visada argumentativa**,

mas que a **dimensão argumentativa** pode ser recuperada pela via do conjunto de ideias, vejamos:

EXEMPLO 4 – E agora, meninas...

... E agora meninas... Um minuto de silêncio...

...para admirarem o relógio do

David Becham...



Fonte: Macedo (2018, p. 47)

Ao analisar o *post*, Macedo (2018) infere que **não** há defesa de uma tese. O que há é uma orientação do olhar do interlocutor sobre o pano de fundo de diferenças conceituais e comportamentais socioculturais discutidas entre homens e mulheres, no que diz respeito ao corpo estereotipado, no seio de uma comunidade considerada machista, que vê com naturalidade o tratamento do corpo feminino como um objeto (termo pejorativo) de desejo, uso e admiração.

Assim, Macedo (2018) destaca que o público feminino é evocado nominalmente pelo vocativo (“E agora meninas”), chamado a contemplar as nádegas do ex-jogador de futebol David Beckham, referido no texto por marcas não verbais e, metonimicamente, por meio de marcas verbais (“relógio” e “David Becham” [sic]) e a agir de modo parecido com os homens que, em sua maioria, admiram os corpos das mulheres e as veem como objetos.

A autora afirma que esse *post* circula pela rede social WhatsApp e admite um pressuposto dóxico³ de que o bumbum é “uma paixão nacional”, reagindo ao discurso machista, pois coloca o corpo feminino na categoria de objeto e, sendo assim concebido, dispensa o respeito para ser admirado. Compactuando do pensamento da

³ Para um maior entendimento acerca do pressuposto dóxico, sugerimos o capítulo terceiro do livro “Estereótipo e clichês”, de Amossy.

autora, podemos aludir que a imagem traz a construção de estereótipo de um homem rico, branco, loiro e hetero, sendo tais características atribuídas somente se estes respondem ao propósito de beleza e de status social criado pela sociedade, validando que esses discursos emergem das pistas do cotexto/contexto e da ordem de recursos multissemióticos.

Macedo (2018) também observou que se trata de um texto que responde aos discursos que lhe são anteriores e que dizem respeito ao estatuto do corpo em uma sociedade na qual homens e mulheres tentam impor, cada um, sua visão de mundo. Nesse composto, a interdiscursividade faz com que o *post* figure entre aqueles textos conceituados como **dimensão argumentativa**, conforme já explicitado por Amossy (2018), como aqueles que buscam influenciar os modos de ver e de pensar do alocutário, atualizando um tema de interesse social sem, no entanto, defender explicitamente uma opinião sobre tal.

Com base nos conceitos descritos por Macedo (2018), podemos inferir que a visada argumentativa já traz prontas estratégias persuasivas programadas, que levam a influenciar o leitor, já para o propósito da dimensão argumentativa, no modo de ver e pensar do interlocutor baseados em discursos anteriores. Desse ponto de vista, considera-se oportuno citar as intertextualidades amplas alusivas defendidas por Carvalho (2018), por remeterem aos contextos anteriores, nesse caso, para que o sujeito possa construir sentido.

É pertinente citar que o *corpus* da nossa pesquisa, como por exemplo as charges que são publicadas originalmente da rede social Instagram, já trazem em sua composição estruturas prontas (visada argumentativa) com estratégias persuasivas com intuito de levar o interlocutor sobre o que já é discutido. Nosso propósito, com o exemplo do *post* de Macedo (2018), é compreender como ocorre a dimensão argumentativa nos textos sob a perspectiva da argumentação de Amossy (2018).

A existência da intertextualidade em várias manifestações da linguagem é algo que tem despertado o interesse na investigação de sua força argumentativa. A partir desse tópico, acrescentamos o discurso sobre a intertextualidade, no qual buscamos desvelar o modo como os diálogos entre textos procuram evidenciar a função argumentativa dos pressupostos na construção de determinados sentidos com a finalidade de se realizar o propósito argumentativo.

Por isso buscamos mostrar os aspectos retórico-discursivos da argumentatividade a partir das práticas discursivas. Tomamos por pressupostos a concepção delineada por Amossy (2011), a qual considera que o ato de argumentar não consiste apenas em fazer-se defender uma tese ou ponto de vista, mas em proporcionar uma busca pelas diversas maneiras de ver, pensar e agir do sujeito, visando, nesse sentido, a execução de uma influência orientada para uma ação.

Reforçamos que a LT não se ocupa em ter por objeto de estudo a argumentação, mas sim o texto. Ratificamos que temos por propósito nesta seção inserir a argumentação e a intertextualidade como meios que nos permitam mostrar que, em determinadas condições de interação, os interlocutores possam negociar sentido e, assim, proporcionar influências mútuas.

Corroborando com esse pensamento, Carvalho (2018) infere que a intertextualidade é um fenômeno-discursivo textual pontual, em geral planejado e percebido a partir do momento em que se constrói sentido, destacando a copresença de textos, parâmetros genéricos/estilo de autores. Chamamos a atenção para a opção de Carvalho (2018) de considerar que essas situações podem ou não ser reconhecidas pelos interlocutores. De acordo com a autora, essas manifestações podem ser atestadas em textos não específicos, compreendendo nesse ponto a intertextualidade ampla alusiva, referindo-se a casos partilhados em uma cultura que se manifesta em textos variados, nos quais os diálogos são atestados a partir das situações.

Em consonância com Carvalho (2018), Cavalcante, Faria e Carvalho (2018, p. 12) sustentam que esse diálogo acontece “por mecanismos de alusão a traços de composição de gênero, de estilo de autor ou de tema de textos”, salientando que as relações intertextuais podem coexistir em um texto independentemente de serem ou não reconhecidas pelo leitor.

Recorreremos ao exemplo de Carvalho (2018) para ratificar o fenômeno alusivo ampla.

EXEMPLO 5 – Vou te pegar



Fonte: CARVALHO, 2018, p. 126

Após a queda do avião em Paraty, litoral sul do Rio de Janeiro, no ano de 2017, no qual o relator da Lava Jato no STF, Teori Zavascki, encontrava-se, passou a circular nas redes sociais um *post* multimodal produzido com a fotografia do então presidente do Brasil, Michel Temer, ao lado de Renan Calheiros, ex-presidente do Senado, Henrique Meirelles, ministro da Fazenda do governo Temer e Romero Jucá, que, na época, era líder do governo no Senado. No fragmento, a parte verbal do *post* integra um caso de intertextualidade estrita, em que é perceptível a citação de uma frase da canção “Olha a onda”, do grupo Tchakabum.

Carvalho (2018) pontua que a citação do trecho da música “vou te pegar/essa é a galera do avião” funciona como argumentos para sugerir que a morte de Zavascki “não teria sido acidental, mas uma retaliação de um grupo político (o da imagem, no caso) que, de alguma forma, seria beneficiado por seu afastamento definitivo do STF”. Ao mesmo tempo, a citação emite uma ameaça a qualquer um que se coloque como inimigo do grupo político que governa o país.

O aspecto manifestado lexicalmente da palavra “avião” retoma alusivamente uma outra morte, causada por ocasião da queda do avião em que viajava o candidato à Presidência da República Eduardo Campos, acidente esse ocorrido em condições pouco claras. Diante do exposto, inferimos que o *post* se mobiliza para demonstrar como a polêmica, em tese, foi aquecida pela matéria, pois trata-se de uma polêmica com questão que divide opiniões em seu entorno, além de dividir a sociedade em

grupos que apoiavam e não apoiavam o então candidato. Aliada à citação, a imagem do grupo de políticos que possivelmente se beneficiaria com a morte de Campos colabora para o apontamento a textos cuja temática alude ao possível assassinato de Zavascki.

A pesquisadora Carvalho (2018) entende que existem inúmeros e significativos casos que poderiam ser categorizados sob o rótulo de alusão ampla. Um deles seria a morte do político Ulysses Guimarães, presidente do Movimento Democrático Brasileiro, no ano de 1992, vítima da queda de um helicóptero no litoral de Angra dos Reis. Veja que a ideia de aeronave alude também ao ocorrido com Ulysses Guimarães, situação ainda mais marcante pelo fato de que seu corpo nunca foi encontrado. Naquele momento, a polêmica pautava-se no acontecimento de Ulysses ser um dos principais autores do *impeachment* contra o então presidente Fernando Collor de Mello, na época esse fato divergia opiniões e argumentos polêmicos.

Cabe ressaltar que, por se tratar de um acontecimento não muito recente, mas que pode ser evocado devido à semelhança quanto ao seu impacto no campo político, requer do leitor um esforço maior para recuperar o sentido. Todavia, mesmo que o leitor não consiga recuperar as pistas textuais por alusão ampla, esta não irá deixar de existir, o interlocutor apenas não a conseguiu recuperar.

Com isso, constatamos que a intertextualidade tem múltiplas funções em um texto e contribui para a orientação argumentativa pretendida pelo locutor. Outrossim ressaltamos que, no que concerne às múltiplas funções da intertextualidade, concebemos os propósitos argumentativos e discursivos do locutor ao fazer uso das relações intertextuais.

Reiteramos que há a possibilidade de a intertextualidade ser um fenômeno textual que amplia possibilidades de uma construção argumentativa em textos. Nesse ponto, entramos em conformidade com as reflexões de Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), ao afirmarem que as intertextualidades, por um viés argumentativo, têm por fim subjugar o outro.

É possível concluir, com isso, que as relações intertextuais podem ser um recurso utilizado pelo locutor como estratégias languageiras frente às escolhas de estratégias argumentativas. “O locutor leva em conta o alocutário sobre quem quer agir. [...] mobiliza um conjunto de recursos linguísticos e de estratégias persuasivas mais ou menos programadas.” (AMOSSY, 2011, p. 133). Esses elementos linguísticos

e multimodais são utilizados com o propósito de fazer com que o interlocutor siga a orientação argumentativa ansiada.

De acordo com Macedo (2018, p. 28), “a posição favorável ao conteúdo do texto-fonte, posição oposta a tal texto, e o modo polêmico de argumentar em um dado contexto se concretiza por meio de relações intertextuais”. Em conformidade com a pesquisadora, reiteramos que a intertextualidade introduz a argumentação em textos desprovidos de visada argumentativa em dada situação enunciativa, a qual irá recuperar as relações intertextuais estabelecidas.

Discutimos, até aqui, a possibilidade de as relações intertextuais servirem de parâmetro para a análise argumentativa em textos multimodais. Passamos doravante a discutir sobre representações sociais e estereótipos.

3 ESTEREÓTIPOS

Diante das contínuas evoluções históricas, sociais e culturais, é possível constatar as diversas mudanças que se desenvolveram no transcorrer do tempo, muitos costumes já não existem e alguns foram se transformando junto às suas crenças e valores. Como exemplo disso, basta lembrar que alguns povos mais antigos, de acordo com suas culturas, já não acreditam mais em vampiros nem em elfos. Essas ponderações, levantadas pelo sociólogo Hall (2006) em seus trabalhos sobre identidades culturais, evidenciam essas mudanças de transformações e representações.

Contudo, vale ressaltar que o autor enfatiza tais evoluções por meio das representações masculinas pintadas no século XVIII e a representação desse mesmo estereótipo de homem em uma pintura cubista. Isso significa que essas transmutações ocorrem em consonância com as posições sociais de cada época.

É conveniente esclarecer que os estudos de estereótipos de que tratamos nesta seção compartilham de duas vertentes notórias desenvolvidas com a evolução histórica, as quais precisam ser conceituadas para situarmos o interlocutor sobre qual é a definição de estereótipos com que compactuamos.

Sobre isso enfatizamos uma concepção de estereótipo de cunho negativo e uma outra de cunho positivo, sendo a primeira relacionada a estereótipos preconceituosos, fundamentada em ideias pré-existentes, visão oriunda dos estudos de Hall (2006). Mais tarde essa visão migrou para a segunda vertente, a da psicologia social de Moscovici (2007), na qual o real era filtrado por imagens que equivalem às representações sociais designadas de estereótipos, denominação essa que vem a nos interessar dentro dessa vertente.

Segundo Moscovici (2007, p. 20-21),

As representações sociais emergem, não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico [...].

É importante mencionar que as representações sociais surgem a cada instante a partir de algo já existente em consonância com as crenças relacionadas à realidade

de seu tempo. Entretanto, esses acontecimentos não impedem que essas representações possam se modificar ou se manter.

Acrescentamos ainda, em conformidade com Moscovici (2007), que as representações sociais são seladas e inseridas dentro de uma concepção já efetiva, as quais irão depender dos valores, das tradições e das imagens de algo já existente. Em outras palavras, toda representação social está sujeita a ser organizada por um processo em que se é possível identificar sua origem, “uma origem que é sempre inacabada” (MOSCOVICI, 2007, p. 218). Diante disso, cabe-nos assinalar que as representações sociais são criadas e mudadas em um contínuo processo de interação em que são colocadas no discurso o propósito comunicativo de cada integrante ao expor seu ponto de vista em relação a uma ideia, podendo acontecer durante todo o percurso dialógico.

Ainda sobre a visão de Moscovici (2007), o propósito de cada indivíduo acarreta novas formas de interagir, por isso o autor afirma que

[...] resultando na inovação e na emergência de novas representações, nesse sentido, são estruturas que conseguiram uma estabilidade, através da transformação de uma estrutura anterior. [...] Em todos os intercâmbios comunicativos, há um esforço para compreender o mundo através de ideias específicas e de projetar essas ideias de maneira a influenciar outros, a estabelecer certa maneira de criar sentido, de tal modo que as coisas são vistas desta maneira, em vez daquela. (MOSCOVICI, 2007, p. 22, 28).

Para Araujo (2019, p. 22), “as representações sociais - assim como as identidades/identificações - são formadas a partir de negociações cognitivas que ocorrem nos momentos de interação entre os sujeitos, e também são fluidas”, corroborando com o pensamento de Moscovici (2007). A partir dessa noção, entendemos que as representações sociais estão em contínua construção e que podem ser estabelecidas por um determinado tempo dentro de uma sociedade, por um mesmo por viés comunicativo. A título de exemplo, podemos citar os anúncios ou as publicidades que possam prolongar seu tempo dentro de uma determinada cultura.

Em conformidade com o descrito, filiamo-nos à perspectiva de Araujo (2019), segundo a qual “não é interesse da Linguística Textual realizar descrições cognitivas deste fenômeno, senão apenas pressupor que as representações sociais vão mudando os esquemas cognitivos”. (ARAUJO, 2019, p. 22). Entendemos que a linguagem sempre foi um meio de interação com sociedade, necessária para a existência das representações sociais, uma vez que, sem as práticas languageiras,

estas não existiriam. Assim, “[...] o lugar do linguístico na análise das representações sociais não pode ser evitado” (MOSCOVICI, 2007, p. 219).

Em conformidade com as pesquisas de Moscovici (2007), Matêncio e Ribeiro (2009) perscrutam as definições de **representações sociais** em dois grupos definidos como: **representações de referência**, aquelas ligadas ao núcleo que relaciona a memória coletiva e as ideias compartilhadas por um grupo social, fazendo com que se torne mais resistente a possíveis mudanças. Conforme Matêncio e Ribeiro (2009, p. 231), “crenças, concepções e sentimentos calcados na memória coletiva, e serviriam também para modelar e regular a interpretação das ações dos membros do grupo”. É exatamente nesse grupo que se incluem os estereótipos, clichês, expressões estereotipadas e os provérbios.

É importante clarificar que os estereótipos em tese percorrem primeiro o campo literário, como sinônimo de clichês marcados pelo contexto nos discursos direto e indiretos nos estudos de Riffaterre (1970), tangente aos estudos de intertextualidade sobre a forma que emergem as alusões. A partir daí é que se pode chegar aos estudos da LT, os quais contribuirão para a argumentação e para a construção de sentido.

Para o segundo grupo, temos o das **representações de uso**. Matêncio e Ribeiro (2009) elencam as reproduções do interlocutor no momento da interação. Nesse ponto, difere-se das **representações de referência**, pelo fato de serem mais propensas às mudanças, entretanto subjazem a estas pelo fato de representarem o instante em que os interlocutores expõem suas singularidades.

Destacamos que a teoria das representações sociais, referente ao grupo das representações em uso, é um aparato teórico de interesse para esta pesquisa, pois retoma os processos discursivos incorporando-os aos estudos de alusões amplas. Esses se referem a um conjunto de textos que circulam socialmente, caráter de classificação defendido em nossa dissertação como critério de análise para investigar de que forma os estereótipos e as marcas de intertextualidade amplas alusivas estão relacionados com a condução argumentativa em textos multimodais.

Convém, neste ponto, registrar que as representações sociais são basilares para compreender os estereótipos na argumentatividade, sendo esses conceituados como modelos manifestados previamente e que já são existentes na memória discursiva-coletiva de uma determinada sociedade.

Araujo (2019, p. 26) defende que “esses modelos sociais são responsáveis por inúmeras formas de representatividade de um mesmo objeto, que também oferecem

ao sujeito um sentimento de pertencimento a uma determinada comunidade social”. A partir dessa noção, engendrada em tradições que é conveniente ao senso comum, o estereótipo era visto como uma ideia pertinente associada a uma palavra de dentro ou direcionada para uma determinada cultura. Mais tarde esse conceito evoluiu, passando por várias visões, inclusive daqueles que se preocupavam em delimitar a noção ambígua de estereótipo, que ora era visto como pejorativo, ora visto como identidade de um grupo social, mas quase sempre carregada de noções negativas.

Sob um novo olhar, elegemos as contribuições de Amossy e Pierrot (2015), em meados dos anos 1980, cujo legado foi uma divisão em três componentes que se impuseram aos estudos de estereótipos: os eixos cognitivo, afetivo e comportamental. Sumariamente, o cognitivo é relativo a estereótipos de uma dada minoria; o afetivo relacionado a preconceitos étnicos raciais; e o comportamental referente ao desfavorecimento da minoria, cujo ápice deu-se na 2ª Guerra Mundial.

Outrossim foi dentro desse movimento de estereótipos de desvalorização, explica Pinto (2021)⁴, que essa visão se constitui e vem se constituindo como um instrumento de legitimação em diversos contextos e situações de dominação. A partir dessa noção própria de grupos mais ligados ao senso comum, Cavalcante e Brito, (2020, p. 101) pontuam que “o estereótipo já não é uma entidade pejorativa, mesmo que resulte impreciso”.

Esta dissertação, apesar de considerar significativa a definição de estereótipos dos autores mencionados, converge com a definição de estereótipos correspondente a uma espécie de representação coletiva constituída por imagens que são consensualmente compartilhadas, imagens pré-concebidas que, de certa forma, são atualizadas em função de contextos diversos ou das próprias representações semióticas multimodais. A esse respeito, vale ressaltar que tal definição vem dos estudos de Amossy (2010, p. 45), para quem estereótipos são “uma representação coletiva fixa, tida como um modelo cultural que circula nos discursos e textos”. Dentro dos textos, há elementos textuais que organizam e orientam estereótipos tanto sociais como culturais, analisados nos estudos linguísticos da retórica. Nesse sentido, destacamos que os estereótipos são imprescindíveis para a LT, haja vista que existem

⁴ Informação verbal proferida no 4º WorkshopLT - palestra, Mesa 2 - Referenciação, intertextualidade e estereótipos, imagem retirada do material do texto da apresentação [PowerPoint slides], no evento transmitido pela plataforma Youtube, em maio de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hlw6yeOkz-A&t=0s>> Acesso em: 16 fev. 2022.

teorias relacionadas ao léxico e ao nível semântico, os quais carregam consigo marcas do sentido da palavra em uso e os sentidos que elas trazem nas práticas sociais.

Reconhecemos a importância dessa visão, afinal o contexto argumentativo pode ser analisado através das escolhas semióticas em textos multimodais em que se apresenta o enunciado, assim como as situações de interação onde se apresentam (enunciação), em que o locutor como ator social tem ciência de seu poder para agir (intencionalidade), levando em conta a construção de sentidos do sujeito e seus posicionamentos discursivos no contexto.

É nessa perspectiva que reside o interesse da LT, aliada à concepção de estereótipos de Amossy (2010), o qual vem a contribuir com os processos intertextuais amplos, alvos desta pesquisa, pelo fato de serem uma representação fixa, um modelo cultural que circula em diversos textos. Além disso, a convenção de marcas sociais e culturais construídas durante um discurso remetendo aos conhecimentos prévios ou a visões de mundo, estabilizadas ou não, que podem evoluir ou desaparecer, pode ser atribuída aos estereótipos e ao sentido argumentativo para as representações no processo de construção do projeto de dizer.

Sob esta ótica, elegemos a intertextualidade como um critério de análise textual da argumentação que estabelece relação entre textos e seus conteúdos, que carregam um potencial argumentativo. Esses conceitos dão suporte para alcançarmos o propósito que pretendemos de investigar de que forma os estereótipos e as marcas de intertextualidade amplas estão relacionados com a condução argumentativa em textos multimodais.

O exemplo a seguir servirá para ratificar o olhar para a intertextualidade e para os estereótipos com o intuito de explicar os pontos de vista que os interlocutores agenciam na construção argumentativa dos textos multimodais. Reproduzimos a seguir o exemplo utilizado pela pesquisadora Faria (2021) no IV

Workshop de Linguística Textual⁵ para demonstrar essa discussão. Vejamos o exemplar.

EXEMPLO 6 – Cartum

⁵ Workshop - palestra, Mesa 2 - Referência, intertextualidade e estereótipos, imagem retirada do material do texto da apresentação [PowerPoint slides], no evento transmitido pela plataforma Youtube, em maio de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hlw6yeOkz-A&t=0s>



Disponível em: <<https://docplayer.com.br/190433150-Trilhas-de-aprendizagens.html>> Acesso em: 18 out. 2021.

O *post* do exemplo 6 é construído a partir da modalidade não-verbal, em que temos a imagem de uma figura masculina e uma feminina de sujeitos existentes na sociedade, os quais estão assumindo papéis sociais inversos. A pesquisadora Faria (2021) explica que a imagem mostra claramente um homem empurrando um carrinho de bebê visivelmente satisfeito, e, em sentido oposto, a imagem de uma mulher vestida de operária empurrando, não um carrinho de bebê, mas um carrinho de mão com um pneu que pode ser de um veículo.

É possível inferirmos que a imagem trata da inversão de posição dos gêneros e mostra que cuidar de bebê não é uma atribuição apenas das mulheres, mas que o homem também pode assumir essa tarefa. Nesse ponto chamamos a atenção para a relação que é feita entre a imagem e os estereótipos culturais, de acordo com Amossy (2010), uma representação estereotipada que circula nos mais variados contextos e nas mais variadas semioses.

Ressaltamos ainda que esse estereótipo é, ao mesmo tempo, desconstruído a partir do momento que o interlocutor constrói sentido por pista de evidência da intertextualidade ampla alusiva (CARVALHO, 2018). É preciso que se observem os mecanismos semióticos mobilizados para compor a imagem que mostra a

desconstrução dessa mulher, pois ela pode também assumir postos e profissões que antes eram desempenhadas apenas por homens.

Contudo ainda podemos dizer que, quando optamos por colocar em um texto determinados elementos multissemióticos, o locutor está, a partir dessa escolha, trazendo a representação que está presente em função da imagem através de pistas contextuais que se relacionam a representações coletivas pré-discursivas daquela imagem em relação àquilo que ele quer construir desta, as quais podem ser utilizadas como estratégias textuais para o projeto de dizer, ou mesmo criar pontos de vista.

Recorremos a Macedo (2018, p. 50) para fundamentar esse nosso pensamento: “o texto também pode trazer em sua composição uma dimensão argumentativa – que direciona a percepção do(s) interlocutor(es) para uma certa perspectiva das coisas para um ponto de vista.” Essa dada noção é passada ao interlocutor de forma orientada, mas não declarada. E passa pela construção negociada de uma resposta a uma situação com a possibilidade de entrever a posições pela semiose e pelo contexto.

Dessa forma, é possível demonstrar que a imagem desse estereótipo traz pistas alusivas que emitem pontos de vistas, que se mostram ser uma condição prescindível para a condução argumentativa que o locutor deseja expor com a intenção de atuar nos modos de ver e sentir do alocutário.

Apresentamos na seção seguinte os procedimentos e maneiras adotados para o tratamento do objeto deste estudo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O MOVIMENTO DA PESQUISA

Nesta seção procuramos descrever a metodologia adotada para a constituição de nossa pesquisa. Apresentamos os procedimentos de coleta e as categorias de análise selecionadas para execução da investigação. Detalhamos ainda os procedimentos que culminam nas análises acerca da intertextualidade ampla alusiva, estereótipos e argumentação.

Admitimos que são poucas as pesquisas nessa área da LT, mas há grandes contribuições teóricas e metodológicas relevantes nesse campo de pesquisa. Pensando nas contribuições que podemos dar, almejamos expandi-las a partir de nosso intuito de investigar de que forma os estereótipos e as marcas de intertextualidade amplas alusivas estão relacionadas à condução argumentativa em textos multimodais.

Para abarcar o nosso objetivo, realizamos um estudo documental, qualitativo e classificado como de natureza descritiva. A metodologia fundamenta-se na literatura da LT aliada a diferentes perspectivas como a da argumentação e a dos estereótipos os quais tratam o objeto desta pesquisa.

Nas subseções a seguir são descritos os procedimentos de coleta, bem como as categorias de análise.

4.1 Procedimentos de coleta de dados

O *corpus* desta pesquisa é constituído por cinco dados pertencentes à esfera midiática. Tivemos o cuidado de observar se todos os textos selecionados são multimodais, não sendo nosso interesse a análise do fenômeno em um gênero específico, por isso optamos por diversificar as ocorrências em cada subitem de análise. Sendo assim, o *corpus* compõe-se de três (3) charges e dois (2) *posts* publicados originalmente na rede social Instagram, com base no recurso digital realizado pela ferramenta de busca associado à *hashtag* #estereótipos. Para isso, utilizamos o recurso de captura de tela, que foram salvos em pastas e organizados por temas e ocorrências.

Diante da possibilidade da inserção de várias semioses, as capturas de tela nos permitem redimensionar apenas a imagem da tela, as quais transformaram-se em figuras nesta dissertação. Outro critério de inclusão no *corpus* foi a ocorrência de

marcas intertextuais e de estereotipia demonstrando como a intertextualidade ampla alusiva e estereótipos contribuem para confirmar a condução argumentativa do texto.

O período de coleta desse *corpus* ocorreu de janeiro de 2021 a janeiro de 2022. Ademais, ressaltamos os critérios para a escolha da rede social Instagram e dos dados de análises para a condução da metodologia. É importante esclarecer que a tecnologia tem se propagado muito rapidamente e a internet é uma nova forma de integrar o processo de interação na sociedade. As redes sociais, sobretudo o Instagram, criado no ano de 2010, têm demonstrado diversas funcionalidades, dentre elas o compartilhamento de informações que chegam sob diferentes semioses. Assim, o Instagram foi a rede social por nós escolhida devido a dois fatores. Primeiro, pela dinâmica do compartilhamento de informações multimodais, em formato de memes, *posts*, *stories*, *charges*, dentre outros. Tendo em vista essas postagens, elegemos o segundo fator, qual seja: a observância do contexto sócio-histórico a que o texto está atrelado, contribuindo e impulsionando o projeto de dizer.

4.2 Procedimentos das categorias de análise

Nesta subseção, apresentamos as categorias para o tratamento dos dados para a análise da intertextualidade ampla e estereótipos na condução argumentativa em textos multimodais.

A primeira categoria de análise está fundamentada em Carvalho (2018) e diz respeito aos recursos de intertextualidade presentes no quadro 3, que consiste na classificação das intertextualidades estritas e amplas por essa autora. Desse quadro de classificações, utilizamos apenas a intertextualidade ampla por alusão, que será evidenciada pela categoria da multimodalidade que oferece unidades verbais e visuais de análise.

A segunda categoria consiste na teoria dos estereótipos, em conformidade com Amossy (2010), Matêncio e Ribeiro (2009), os quais descrevem estereótipos como modelos, formas cristalizadas que circulam dentro de uma sociedade ou cultura.

Por fim, na terceira categoria, optamos por assumir os postulados da perspectiva de Amossy (2020), concebida à luz da LT, que busca ligar a argumentação a coerções socioculturais institucionais a que a argumentação está atrelada. Isso nos fez refletir e nos permitiu evidenciar esse fenômeno com base na descrição de marcas linguísticas e contextuais nos textos verbais e visuais.

4.3 Procedimento de análise

A princípio, para desenvolver a análise dos dados, foi realizado um levantamento teórico sobre autores que desenvolveram estudos sobre nossa temática. Encontramos alguns estudos que mais se aproximam de nossa pesquisa, além dos descritos na subseção categorias de análise.

Para a abordagem teórica da argumentação, pautamo-nos em Macedo (2018) e Amossy (2020). Quanto aos estereótipos, destacamos as pesquisas de Amossy (2010) e Matêncio e Ribeiro (2009).

No intuito de alcançar os objetivos almejados nesta pesquisa, apresentamos o desenvolvimento dos passos das análises em consonância com as categorias apresentadas. Os procedimentos adotados foram divididos em quatro passos:

QUADRO 4 – Procedimentos de análises

1º passo	Apresentação e descrição do contexto da publicação dos dados,
2º passo	Identificação da intertextualidade ampla alusiva e o resgate do(s) texto(s)-fonte;
3º passo	Identificação dos estereótipos presentes na postagem;
4º passo	Análise e discussão que embasam nossa hipótese sobre a relação das marcas de intertextualidade e o(s) estereótipo(s) encontrado(s), que conduzem para a construção argumentativa dos textos.

FONTE: Elaborado pela autora.

Diante do quadro, pretendemos prosseguir com as análises para alcançar o objetivo deste estudo de investigar como a intertextualidade ampla alusiva e os estereótipos contribuem para a condução argumentativa em textos multimodais.

A seguir, apresentamos a seção de análise dos dados, dos quais selecionamos cinco (05) por se mostrarem mais representativos das constatações a que chegamos a partir da testagem das hipóteses.

5 ANÁLISES DOS DADOS

Nas análises, buscamos descrever aspectos linguísticos, semióticos e contextuais referentes à produção das postagens dos gêneros, tratando de forma mais específica da intertextualidade ampla por alusão e dos estereótipos na condução argumentativa em textos multimodais no conjunto do *corpus* coletado que circularam na rede social Instagram

Constatando o que temos advogado, segue a charge 1, publicada no perfil @mmocanus em 18 de agosto de 2021, que marca o início de nossas análises. O post tem como título “vida de Bolsominion”.

CHARGE 1 – Vida de Bolsominion



–Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CSuI79PnS0L/>> Acesso em: 20 nov. 2021.

Essa charge circulou em vários perfis e foi recuperada por ser marcada na hashtag #estereótipos. Sua postagem ocorreu no período em que o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, deu a ordem de saída do Exército Americano do Afeganistão, alguns anos após o confronto com o Talibã. Essa saída das tropas aconteceu no ano de 2021 com dia, hora e data marcada, momento que oficializa a volta do grupo fundamentalista Talibã ao poder naquele país do Oriente Médio. Com essa retirada, o Talibã retoma o poder não pelo confronto, nem de forma democrática,

mas de forma autoritária. A saída do Exército Americano do país fez com que esse grupo voltasse a impor castigos antes praticados, pois é o modo como eles procedem.

Essa contextualização serve para mostrar que a charge usa como estratégia macro argumentativa uma comparação entre o projeto de Brasil defendido pelos bolsonaristas, que na charge são categorizados como bolsominions, na imagem semiótica trazida do garoto, e o modo de governar do regime extremista Talibã, ao estabelecer esse paralelo entre o governo brasileiro e o modo de governar deles.

Nesse ponto, convém retomarmos a discussão acerca da intertextualidade apresentada na proposta de Carvalho (2018). A autora considera intertextualidade por alusão ampla as ocorrências em que se verifica referência difusa a fatos, conteúdos ou situações que, embora não apontem para um texto em particular, estabelecem uma relação ainda real entre um texto e diversos outros textos que circulam socialmente. No entanto, para que isso ocorra, é preciso que o alocutário reconstrua sentidos mais próximos do pretendido pelo locutor.

Sendo assim, consideramos que a charge alude à situação descrita da conjuntura que ocorria na época de sua postagem no Afeganistão. A (re)produção de sentidos dá-se por meio das semioses visuais e verbais provenientes da representação estereotipada do garoto e quando acionamos nossos conhecimentos linguísticos e enciclopédicos, é possível (re)construir a ligação intertextual para efetivar o sentido pretendido.

Verificamos que na charge não há a retomada apenas de um texto específico. O que temos são elementos cotextuais (verbal) /contextuais (alusivo) que estão na materialidade do texto que sustentam a menção difusa estabelecida a inúmeros textos. Diante disso, notamos que há a presença de um estereótipo na figura imagética, que é construído pelas marcas de estereotípias representadas pelas expressões que carrega em seu corpo, um modelo pré-construído, a imagem pré-concebida de “bolsominion”. Corroborando assim com o que a autora Amossy (2010) entende como sendo uma representação social preexistente a um esquema coletivo que é repassada entre grupos sociais ou que existe em uma dada sociedade.

Temos no discurso da mãe a recuperação de textos amplamente divulgados, esse seria um outro referente alusivo que está na fala dela: “lá não tem STF, não tem direitos humanos, não têm urna eletrônica, não tem congresso...”, o país Afeganistão não é um país democrático; “mas tem arma pra todo mundo e tudo é em nome de Deus”, uma alusão ao Talibã e se recategoriza no referente Afeganistão, alegando

que tudo que fazem é em nome de Deus; a expressão “Já chega de tanto mimimi”, que retoma a fala do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, durante a pandemia, em março de 2021 quando dizia: “chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?”. Essas declarações foram feitas em um contexto público, reportando-se à perda de entes queridos para a Covid-19 como “frescura”, além da relação alusiva à imagem do garoto na figura do sujeito que se identifica com o “Mito”.

Ainda sobre o discurso da mãe, temos um revezamento em sua fala ao fazer uso do argumento de retorção⁶, concebido ao associar o modo como o Afeganistão funciona ao projeto de país que aqui são categorizados como “bolsominion”, qualificado pela vestimenta do garoto.

Dando continuidade à análise da figura do garoto na charge 1, é possível inferir que há uma desqualificação por parte da mãe quanto ao posicionamento político do filho e as gotinhas que saem de seu rosto reforçam esse argumento, pois sente-se abalado com o que defendia. A “suástica” no braço direito representando o autoritarismo, intolerância, negacionismo e ao genocídio, alude ao discurso nazista do atual presidente da república, além da ascensão do bolsonarismo numa ideia de patriotismo conferida à “bandeira do Brasil” no braço esquerdo, adquirindo nesse contexto um referente. Há também uma alusão à liberação do porte de armas, representado pela “arma na cintura” do garoto, e na fala da mãe “e tem arma pra todo mundo”.

Outro símbolo é a bandeira em sua mão com o nome “MITO”, fazendo uma referência a como Bolsonaro é categorizado por seus apoiadores desde quando era candidato. A frase “fecha STF”, gravada na camisa, representa uma pauta entre o conflito do atual governo e o Supremo Tribunal Federal – STF, representado pelas decisões dos ministros da instância máxima do nosso Poder Judiciário, quando se especulava e circulava nas redes sociais que o presidente pretendia fechar –aquele tribunal para proteger aliados do governo que estão sendo investigados, além do próprio presidente que também é alvo de inquéritos.

Do ponto de vista argumentativo, reconhecemos que a charge traz em sua representação multimodal posições sobre questões polêmicas. Trata-se de uma charge dotada de dimensão argumentativa recuperada pela via do conjunto de ideias descontínuas de textos-fonte, com os quais estabelecem uma relação intertextual

⁶ O argumentador utiliza os próprios argumentos do antagonista para retorcê-los a seu favor, imprimindo-lhes, é claro, nova interpretação.

ampla, conforme defendemos nesta pesquisa. Reiteramos o conceito de argumentação de Amossy (2020), segundo o qual a argumentação é aquela que consiste em mobilizar os recursos de linguagem para tentar influenciar os modos do outro, em processos de interação que se fundem nos diferentes discursos.

Desse modo, podemos dizer que a charge configura a forma profícua do modo como os referentes são construídos na relação “bolsominion”, sujeito que defende um projeto de país, Talibã, Afeganistão e a pontos de vistas que aludem a situações descritas por ocasião da sua postagem. O modo como o Afeganistão é categorizado alude ao regime Talibã e aos textos que circularam na época sobre o acontecido histórico que também é alusivo aos bolsonaristas, a opiniões antagônicas que estão engendradas.

Salientamos que o processo de construção de sentido da charge 1 está diretamente relacionado à intertextualidade alusiva e aos estereótipos que são mostrados como uma estratégia textual de persuasão com vistas a influenciar e orientar os modos de ver e de pensar dos interlocutores no processo de construção do projeto de dizer.

Passamos a seguir à análise da charge 2, que foi coletada do perfil @projetosmanos, que teve sua publicação em outubro de 2018.

CHARGE 2 – Vida Cristã



Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Boo0pl2golu/>> Acesso em: 09 out. 2021.

A charge 2 traz na sua composição sentidos que se relacionam na superfície textual, construída em torno de um discurso comum aos indivíduos participantes da cena comunicativa. Os elementos semióticos verbais e imagéticos estabelecem sentidos imediatos, a partir dos quais compreendemos, por um lado, a construção referencial de seguidores de Cristo, no caso “os cristãos”, na charge representados em oposição pelas suas diversidades, mas reconhecidos pelo porte e culto à leitura bíblica, fato que se constitui na semiose verbal da imagem com os sujeitos segurando a bíblia.

Por outro lado, o mesmo texto joga com a idealização subjacente à imagem pré-construída e estereotipada de uma representação de modelo cultural que circula socioculturalmente (AMOSSY, 2020), em que os “cristãos” apresentam-se com trajes bem vestidos, tomamos como referente as roupas usadas por esses cristãos, um visual discreto, sem adereços extravagantes e chamativos, porém marcados pelo julgamento às diferenças ou descaracterização de quem não se enquadra em tais padrões ditados pela sociedade ou por aquele grupo.

Consideramos, nesse caso, a relação de intertextualidade por alusão ampla, uma vez que a compreensão da charge engloba um conjunto de textos cujos sentidos são recuperados e ativados no processo de construção dos referentes aludindo a outros textos (CARVALHO, 2018). Importa ressaltar, porém, que a própria pesquisadora fez ressalvas quanto a essa categoria e ao seu caráter fronteiro com a noção de “memória discursiva”. Entendemos que não se trata de construir sentidos pelo acionamento de conhecimentos corporificados a partir da memória dos indivíduos, mas percorrer os seus constituintes percebendo relações ou conexões com outros eventos comunicativos.

Atentemos para o fato de que o foco da cena comunicativa é o participante apresentado fisicamente em desacordo com o ideal de “cristão”. Dessa maneira, ao negociarmos os sentidos por meios dos recursos semióticos dados na superfície do texto e das pistas contextuais, alcançamos, por trás desses, uma relação intertextual com textos de “passagens bíblicas”, como: “não julgueis para que não sejam julgados” (Evangelho segundo Mateus, 7: 1-5) e “a boca fala do que está cheio o coração” (ibid., 12: 34). Assim, a construção de sentidos que descrevemos nesta charge considera o perfil de cristão estigmatizado, já que deixa à mostra uma imagem desalinhada, fora dos preceitos e costumes da doutrina cristã.

Consoante a isso, aludindo às “passagens bíblicas” expostas anteriormente, cujo teor aponta para o interior dos indivíduos, o texto em tela revela-nos que não é o que se veste ou aparenta ser que torna alguém um “cristão” exemplar. Além disso, em relação à intertextualidade, Carvalho (2018) atenta para os aspectos e espaços socioculturais que os textos significam. Assim sendo, a partir do texto, percebemos que há, na diversidade de sujeitos, discursos e práticas e uma relação de uma construção de sentidos. A rigor, verificamos, nesse contexto, um rompimento da imagem estereotipada de cristão que culturalmente circula e se formou no ideário dos que se julgam os verdadeiros seguidores de Cristo, configurando-se imagem pré-construída.

Nesse caso, vemos no texto elementos semióticos que reforçam a oposição entre ser e não ser “cristão”, evidenciando, dessa forma, uma imagem de estereótipos que reúne certas características e define um dado objeto/sujeito. Reconhecemos, pois, a noção de “estereótipo”, cuja constituição exerce influência no espaço em que se insere e determina modos de ser dos sujeitos e estabelece uma relação com representações coletivas convencionadas socialmente (AMOSSY, 2010).

Quanto ao caráter argumentativo do texto, é possível considerar as marcas semióticas da imagem do “cristão” e os indícios contextuais: os textos que circulam naquele contexto sobre o ponto de vista que apontem a um posicionamento em prol ou contra o discurso que é defendido pelas vozes no texto, o qual carrega em sua composição uma dimensão argumentativa, ou argumentatividade (AMOSSY, 2018) que é intrínseca a todo discurso. Como todo texto materializa e institui discurso, temos na charge um texto com dimensão argumentativa, ou seja, há uma tentativa de influenciar o outro.

Assim sendo, ao alinharmos o conjunto de textos dispersos que circulam socialmente ao contexto da charge, assim como os estereótipos construídos alusivamente por esses textos, podemos considerar um viés argumentativo que encadeia a discursos e a pontos de vistas.

O cartaz a seguir foi retirado do perfil @psi_catiaefigenia, publicado em 20 de setembro de 2021.

CARTAZ 1 – “Por que as mulheres negras são chamadas de fortes”?



Disponível em: <<https://www.instagram.com/explore/tags/estere%C3%B3tipo/>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

O cartaz 1 constitui-se por um conjunto de imagens e signos linguísticos que se entrecruzam, evidenciando dois universos fronteiriços: de um lado, o universo “feminino”, marcado pela visão de fragilidade e sensibilidade recorrentes, por outro lado, o universo da “raça negra”, caracterizado pela idealização de lutas e batalhas pela própria sobrevivência ou as lutas por direitos e igualdade historicamente negados.

A sobreposição dos enunciados linguísticos sobre a representação imagética da mulher evidencia o foco na questão racial, possibilitando resgatar visões pré-construídas (estereótipos) de que as mulheres negras são resistentes. Assim, há evidentemente uma oposição entre a visão cultural de ser “feminino”, o gênero/sexo frágil, e o perfil de mulher negra como diferenciado. Entretanto convém destacar a condição psicológica diferenciada a que as mulheres negras são expostas.

A produção do cartaz 1 traz em seu imagético duas mulheres negras, uma adulta e uma criança, e sugere efeitos questionadores em relação às noções de igualdade racial e de gênero tão recorrentes em nossa sociedade: “Por que mulheres negras são chamadas de fortes?”. A priori, pela dimensão dos estereótipos enquanto esquemas que se formam em nosso imaginário popular e habitualmente internalizados e estabilizados (AMOSSY, 2010), servimo-nos dos construtos históricos

e das subjetividades sobre as lutas de resistências envolvendo a raça negra em contextos de disputas e criamos o estereótipo de que “mulheres negras são mulheres fortes”.

Ao considerarmos a relação entre a raça negra e a idealização de um perfil associado ao potencial de resistência, fortaleza e superação, resgatamos certos traços históricos que descrevem o percurso de resistência contra o subjugado e as injustiças a que fora submetida. Certamente, a distinção da mulher negra sendo vista como forte emana de um ideário social marcado pelas influências de contextos específicos, o que para nós aproxima-se da noção de estereótipo, conforme concebida por Amossy, 2010.

Nesta discussão, a mulher não é significada apenas pela face da cultura machista que a toma pela relação força *versus* poder, mas pela condição de ser da mulher negra e sua capacidade de construir a si mesma, superando o seu historicismo de inferioridade, o que a torna referência e inspiração. A partir disso, consideramos que a constituição do texto joga com sentidos exteriores ao espaço comunicativo em que foi produzido. Além disso, a compreensão do texto requer estabelecer relações de sentidos entre textos ou partes de textos socialmente partilhados.

Percebemos, pois, que há no exemplar do cartaz 1 indícios que denunciam a presença e/ou retomada de outros textos (CARVALHO, 2018). Nesse sentido é que inferimos as significações e/ou possibilidades de se construir novos sentidos. O texto em análise, visto sob o prisma do fenômeno da intertextualidade, revela a aproximação com textos verbais que tomam a “raça negra” a partir da relação histórica de submissão, escravidão e lutas e subverte para a relação de empoderamento e condição diferenciada da “mulher negra”, rompendo assim a visão fragilizada e negativa culturalmente estabelecida sobre a condição de ser “mulher” em geral, e “mulher negra” em particular.

Nesse caso, conforme Carvalho (2018), visualizamos o fenômeno intertextual da alusão ampla, que, segundo a autora, manifesta-se por meio de menções a textos diversos numa mesma dimensão temática, cultural e/ou social.

Avançando sobre essa relação intertextual, podemos aproximar o que está disposto no cartaz 1 em contraposição ao que encontramos na última estrofe do poema “A canção do africano” de Castro Alves. Vejamos:

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,

E põe-se triste a beijá-lo,
 Talvez temendo que o dono
 Não viesse, em meio do sono,
 De seus braços arrancá-lo!
 (ALVES, 1972, p. 16)

O fenômeno intertextual que elucidamos permite-nos conceber o cartaz 1 como uma negociação e ruptura de sentidos em relação ao que está posto nas linhas da história da raça negra. Assim, o referido *post* contextualiza sentidos constituídos desde o período colonial, diante do tráfico de negros, principalmente do continente africano, para diversas partes do mundo, e a dimensão humanista de igualdade entre as raças no pós-colonialismo. Tais sentidos contribuem para o propósito argumentativo do cartaz 1 sobre o que vem a ser presumido e admitido pelos leitores.

Mesmo diante de textos constituídos por meios semióticos diferentes e produzidos em contextos sócio-históricos distantes, um não exclui o outro. O silêncio e o temor da “cativa” descrita no poema dialogam com a pergunta: “Por que mulheres negras são chamadas de fortes?”. Carvalho (2018) admite as linhas fronteiriças da alusão ampla com outros recursos de linguagem como o dialogismo, por exemplo. Assim, conforme a autora, a intertextualidade não é um recurso fim, fechado em si mesmo, mas um aporte que permite estender relações de um ponto a outro dos textos, mesmo que não se vejam ou se reproduzam uns nos outros.

É válido ressaltar que a intertextualidade é utilizada como estratégia de textualização para levar o leitor a construir sentidos através do conjunto de textos que aludem e revelam os estereótipos à argumentação discursiva que podem revelar uma dimensão ou uma visada argumentativa, condicionada pelo propósito do tema do cartaz 1 em análise.

A seguir, apresentamos outra ocorrência em que se evidencia o apelo intertextual recorrente à memória de um conjunto maior de textos.

O cartaz 2 foi retirado do perfil @coletivoboitata, publicado em 23 de agosto de 2021, e trata de um tema que levanta alguns questionamentos e posicionamentos que se encontram enraizados em algumas culturas.

CARTAZ 2 – “Rosa cor de Menina, Azul cor de menino”



Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CS7r6XgnBy4/>>. Acesso em: 13 dez. 2021.

O cartaz 2 agrega as semioses imagética e verbal, as quais optamos por trabalhar em nossa pesquisa, e revela o olhar do autor sobre o tema “rosa cor de menina e azul cor de menino”. Tal sentido, a princípio, evoca a polêmica do discurso que circulou nas mídias em virtude do comentário da ministra da Mulher, Família e dos Direitos Humanos do governo Bolsonaro, Damares Regina, no ano de 2019, quando em rede nacional sumariza a chamada “nova era” em que o país iria ingressar diante da expressão “Menino veste azul, menina veste rosa”, reforçando em sua fala a visão machista e preconceituosa de que o “azul” é cor de homem e “rosa” é cor de mulher. Cabe ressaltar que essa visão é internalizada pela sociedade para taxar incisivamente o gênero de um indivíduo, inclusive essa visão dualista é amplamente usada para as convenções de mercado.

A nosso ver, o autor do cartaz 2 utiliza-se da estratégia da intertextualidade ampla por alusão com a intenção de que o leitor recupere alguns textos e discursos que circularam na época da postagem, mas que também podem ser recuperados no contexto atual. A propósito, a parte imagética do cartaz 2 contém uma sátira na imagem dos personagens egípcios para mostrar que essa visão não é tão antiga quanto parece e tem seu nascimento ainda no final da década de 1960, no auge de movimentos sociais e pacifismo, em que era comum o uso de roupas unissex. As

roupas de gêneros neutros permaneceram populares por muito tempo, até que em meados da década de 1980 a cor rosa se impôs na paleta de cores de produtos para meninas.

Vale mencionar que a expressão “rosa cor de menina e azul cor de menino” é uma intertextualidade alusiva verbal que se alia ao imagético para construir sentido, pois a imagem concilia os acontecimentos a que se refere a outros textos que circulam em situações diferentes, as quais consideram um ponto de vista em comum. Compartilhamos do mesmo pensamento de Faria (2014), quando infere que a alusão ampla exige muito mais da memória do leitor para que este possa perceber a relação de um texto com outro, nas entrelinhas.

Em concordância com o exposto, depreende-se que o leitor é incitado a construir sentidos e pode construí-los inclusive ao aludir a expressão “cor rosa” e “cor azul” ao mês de outubro, chamado de “Outubro Rosa”, dedicado à campanha de conscientização do câncer de mama, e ao mês de novembro, chamado “Novembro Azul”, dedicado à campanha do câncer de próstata, reforçando a alusão a estereótipos culturais compartilhados entre os interlocutores, construção essa que depende dos conhecimentos socioculturais. Ressaltamos que o estereótipo pode ser definido como “uma representação coletiva fixa, um modelo cultural que circula nos discursos e textos” (AMOSSY, 2010, p. 45-46).

Outra ocorrência de alusão no cartaz 2 está na construção das representações sociais, que são alusivas ao estereótipo de que menina, para “ser menina”, tem que usar a cor rosa, e o menino, para “ser menino”, a cor azul. Essa visão estereotipada tem reflexos diretos na vida do homem e da mulher dentro de uma sociedade discriminatória. Isso não é diversionismo, mas sim o efeito das ideologias que reproduzimos em nossas mentes.

Quanto ao propósito argumentativo do cartaz 2, partimos do ponto de vista de Cavalcante (2017), ao enfatizar que todo texto é argumentativo e conduz a uma orientação persuasiva de convencimento, constituindo o ponto de vista do autor do texto e auxiliando, por meio de pistas e estratégias argumentativas, nesse caso, a intertextualidade, a sua intenção de influenciar o modo de ver e agir do leitor (AMOSSY, 2010).

Frente ao que temos analisado no cartaz 2, é possível inferir que há pistas suficientes para uma discussão acerca do seu caráter intertextual e argumentativo do que trata o *post*. Isso porque nos são dados inúmeros e significativos sentidos que

poderiam ser categorizados sob o rótulo de intertextualidade ampla por alusão, que serviram para aludir a estereótipos.

A seguir um último caso em que a intertextualidade por alusão e os estereótipos se manifestam em textos multimodais para o viés argumentativo. Para Carvalho (2018, p. 107), “o fenômeno a que temos chamado de alusão ampla se refere à menção não a um texto específico, mas a um conjunto de textos, ou a uma situação partilhada coletivamente em uma dada cultura, manifestadas por textos diversos”.

A charge (3), publicada recentemente e coletada do perfil @plsantos, trata do tema da reforma trabalhista.

CHARGE 3 – Reforma Trabalhista



Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CYu4D36sU1i/>> Acesso em: 16 jan. 2022.

A sátira contida na charge faz uma referência à perda dos direitos trabalhistas vigentes no Brasil devido a um projeto de lei iniciado no governo Temer e colocado em prática no governo do atual presidente Jair Bolsonaro, na pessoa do ministro da economia Paulo Guedes.

O discurso que circulava na época sobre o tema era que, com a saída da presidente Dilma Rousseff e do Partido dos Trabalhadores – PT do poder, a economia do Brasil seria impulsionada mediante a Reforma da Previdência. No entanto, esse

não é o discurso recuperado pelo imagético da charge, mas sim as atuais discussões oriundas da Reforma da Previdência, diante do cenário pandêmico, que desencadearam o aumento do desemprego e a precarização das relações de trabalho. Em contrapartida, as falácias de que a economia melhorou, mas para 5% de uma população mais rica, dentre os quais podemos citar generais das Forças Armadas e membros do Poder Judiciário.

Do ponto de vista sociodiscursivo argumentativo da charge, é possível notar que o locutor do texto tece de forma imagética uma crítica à nova Reforma Trabalhista, implantada no ano de 2022. Esse posicionamento é assumido pelo locutor do texto, identificável tanto pela parte semiótica da charge quanto pelo linguístico. Vale considerar que a charge é um gênero que traz em sua composição a intertextualidade que lhe é constitutiva. Aqui é conveniente assumirmos o posicionamento de Carvalho (2018), quando pontua que a intertextualidade ampla pode ser vista no momento que se estabelece uma relação tangível entre o conteúdo e a situação, mas também pode ser vista em outros textos que circulam socialmente.

Frente a essa descrição, destacamos que a parte semiótica da charge é uma alusão ao período escravocrata do Brasil. Tal afirmativa só é possível devido à posição do sujeito que está sendo carregado por duas pessoas acorrentadas e com vestimentas desgastados pelo uso, “os escravos”. Aqui já podemos perceber uma construção de estereótipos. Outra ocorrência que alude ao “senhor dos escravos” é vista nas suas roupas, que recuperam os referentes às cores da bandeira do Brasil. O verde “no boné” é um referente à floresta Amazônia, ao mesmo tempo que o cigarro na boca do senhor representa as queimadas que têm devastado esse verde. Há também a ocorrência da cor amarela, que aparece em maior destaque, na “rede e na camisa”, que são referentes às riquezas que o país possui, ironizada pela situação da atualidade retratada pela charge, um país decadente. E ainda a cor “azul” na calça do senhor, que simboliza os rios e o céu do país.

Há também a ocorrência de uma alusão constatada nas três chaves que “o senhor” carrega na mão, uma referência às três esferas do Poder: Executivo, Legislativo e Judiciário, responsáveis por aplicar, elaborar e administrar as leis. A outra reside no próprio fato de segurar as chaves evidenciando o poder que os 5% já mencionados têm sobre os mais desfavorecidos. A barriga saliente do senhor dos escravos, aliado ao sono, quer dizer também a exploração do trabalho escravo. Além disso, vemos ainda a onomatopeia do barulho do sono, “zzzzzzzzzzzz”, que leva o

locutor a construir sentidos ao evocar o descaso do atual governo com a nova proposta da reforma trabalhista. Acentuamos que não estamos excluindo outras possibilidades de construção de sentido, pois isso depende do tempo de processamento das experiências e interesses de cada leitor.

Para reconhecer a evidência da intertextualidade ampla alusiva o leitor precisa observar os vários mecanismos semióticos mobilizados para compor a charge. Isso só será possível se conseguir abstrair os sentidos que o locutor do texto construiu, para tanto é preciso ativar seu repertório de experiências de mundo, e essa construção de sentido pode acontecer como resultado de uma negociação entre os interlocutores no momento da interação.

Em relação à representação dos estereótipos na charge, os quais consideramos representações coletivas convencionadas socialmente (AMOSSY, 2010), a nossa versão são construídos dois referentes. O primeiro deles pelos elementos semióticos, na figura do “senhor”, pela imagem do sujeito na rede hoje, uma referência à “escravidão”, dos baixos salários e desvalorização do trabalho, sendo recuperado pelos discursos que circulam na sociedade e ao próprio contexto histórico do Brasil na época escravocrata. E a segunda construção de estereótipos reside na representação dos trajes usados pelo “senhor”, que faz uma alusão às roupas utilizadas em sua maioria pelos apoiadores do atual presidente Bolsonaro, que insistem em exaltar o país utilizando as cores da bandeira. Ressaltamos que essa construção só é possível através de algumas pistas contextuais e imagéticas que se confirmam para construir esse estereótipo.

A charge enquadra-se no contexto da Reforma Trabalhista vigente, que condiciona a produção do projeto de dizer dos elementos que constituem as cores da bandeira do Brasil e da própria situação que o semiótico traz, os quais são selecionados pelo autor, tendo em vista o propósito de influenciar os modos de ver e de pensar do leitor sobre o tema social sem, no entanto, posicionar de forma explícita sua opinião, o que Amossy (2020) considera importante nos discursos.

Essas constatações contribuem para percebermos que a charge desperta no leitor opiniões num contexto argumentativo, conforme é possível perceber nos discursos dos sujeitos (“estão falando na reforma da reforma trabalhista, você ouviu falar algo?”), (“fale baixo não aborreça nosso senhor com esse assunto”), relacionado aos fatores que ocorrem na sociedade, o que nos leva a constatar, no decorrer do

texto, que a intertextualidade ampla alusiva e os estereótipos contribuem para a condução do projeto de dizer.

A partir das análises desenvolvidas nas charges e nos cartazes retirados da rede social Instagram, constatamos que a intertextualidade ampla por alusão contribui para o leitor construir sentidos diante do contexto e do imagético no qual consegue identificar os estereótipos que se encontram cristalizados, construídos socialmente.

É importante, por fim, destacar que a alusão ampla se tornou recorrente em todas as análises, pois os estereótipos dependem dos efeitos de sentido e a partir do momento que são recuperados os conhecimentos linguísticos e enciclopédicos do leitor, desencadeado o fenômeno da condução argumentativa em textos multimodais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste estudo foi investigar de que forma os estereótipos e as marcas de intertextualidade ampla por alusão estão relacionados à condução argumentativa em textos multimodais. Para validar nosso propósito, iniciamos por apresentar a intertextualidade e as noções basilares aferidas.

Tais abordagens mostraram-se coerentes com os nossos interesses de pesquisa ao delinear-se através das construções metodológicas, que incluem os aspectos da argumentação, dos estereótipos e da intertextualidade em textos multimodais. Encontramos nessas abordagens, então, um pertencimento teórico-metodológico capaz de atender aos nossos anseios de investigação e de oferecer espaço às contribuições dos processos intertextuais, assim como a argumentação e os estereótipos, para dar continuidade aos estudos propostos pelo grupo Protexito, os quais nos propusemos a avançar.

Para além do nosso objetivo maior, o percurso descritivo que empreendemos nesta dissertação teve início com as considerações sobre os termos e conceitos que trabalhamos para mostrar a interface entre a LT e a Análise do Discurso da nova retórica que Amossy (2020) defende em seus estudos, os quais se relacionam no contexto em textos multimodais sobre a relação de intertextualidade ampla, estereótipos e argumentação que pesquisamos. Passamos às análises propriamente ditas das estratégias de intertextualidade ampla por alusão, dos estereótipos e da argumentação pelas quais os locutores de textos constroem sentidos.

As análises foram desenvolvidas no capítulo 5, cujo propósito foi investigar de que forma os estereótipos e as marcas de intertextualidade amplas alusivas estão relacionados à condução argumentativa em textos multimodais. Na prática, contudo, essas estratégias se imbricam de modo a complexificar o funcionamento textual da argumentação discursiva nos textos verbo-imagéticos. Quanto à mobilização da intertextualidade ampla por alusão, atestamos que se faz em todos os dados analisados e a construção de sentidos está relacionada à capacidade do leitor de usar seus conhecimentos de mundo para construir o sentido almejado pelo produtor do texto e, assim, posicionar-se quanto às suas opiniões.

No que tange aos estereótipos, como ideias cristalizadas na memória, constatamos que se declaram a partir da intertextualidade alusiva recorrente aos

diversos textos que circulam socialmente em uma dada cultura ou grupo social e que juntos constroem o sentido para o texto.

Diante disso, constatamos que a nossa hipótese pode ser corroborada, pois o fenômeno da argumentação se faz presente em todos os textos analisados, de forma ora persuasiva ora de opinião.

Ressaltamos que nosso trabalho não exauriu, obviamente, o tema que nos propomos a discutir. Tanto as reflexões teóricas como as análises que empreendemos podem (e assim o esperamos) ensejar vários outros investimentos acadêmicos, especialmente no âmbito disciplinar da LT.

Por fim, consideramos importante que estudos sobre os aspectos aqui evocados, além de outros, continuem a ser empreendidos na perspectiva de uma interface com as teorias aqui trabalhadas. Duas motivações nos fazem pensar na continuidade desse diálogo: uma relacionada a demandas circunscritas da modalidade polêmica nos textos verbo-imagéticos e outra relacionada a uma demanda advinda da esfera pedagógica, mais abrangente, no contexto da sala de aula atual do Brasil.

Coadunando com o proposto nesta dissertação, é plausível proceder um estudo no qual os processos intertextuais, estereótipos, argumentação e a multimodalidade, sejam descritos em termos de construção de sentidos. A relação entre a intertextualidade e estereótipos também nos parece merecer uma atenção mais detida, de modo a sistematizar, a partir das análises de outros textos sobre outras questões, a fundamentação dos caminhos que possibilitem a interação com outros termos e teorias. É nesse sentido que a continuação do diálogo entre as interfaces da LT e da Análise do Discurso se impõe no contexto acadêmico.

Esperamos que este trabalho consiga esboçar nitidamente os recursos os quais nos detivemos a investigar, tão caros à compreensão de outros importantes temas, tais como outras classificações de intertextualidade nos diferentes gêneros e contextos, assim como os estereótipos.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. In: EID&A – **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, nov. 2011, p. 129-144.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Trad. Eduardo Lopes Piris et al. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, R. Linguística, retórica e análise do discurso. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (org.). **Texto, discurso e argumentação**: traduções. Tradução de Rosane Lorena de Brito, Mariza Angélica Paiva de Brito e Maria da Graça dos Santos Faria. Campinas: Pontes, 2020. p. 97-131.
- AMOSSY, R. PIERROT, A. H. **Estereotipos y clichés**. 4a reimp. Buenos Aires: Eudeba, 2010.
- AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2017.
- ARAUJO, K. de J. R. **A referenciação na Construção da Identidade e da representação feminina no anúncio publicitário brasileiro**. Maranhão, 2019. Dissertação (Mestre em Linguística) - Universidade Federal do Maranhão.
- BAKHTIN, M. [1953]. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CARVALHO, A. P. L. de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. Fortaleza, 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, M. M.; FARIA, M. da G. dos S.; CARVALHO, A. P. de. Sobre intertextualidades estritas e amplas. **Revista de letras**. n. 36. vol.2. jul /dez. 2017.
- CAVALCANTE, M. M.; NOBRE, K. C.; BRITO, M. A. P. Intertextualidade como recurso humorístico em desenhos animados. In: CARMELINO, A. C.; RAMOS, P. Gêneros humorísticos em análise. Campinas: Mercado de Letras, 2018.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães et alii. **Linguística Textual e argumentação**. São Paulo, Ed. Pontes, 2020.
- CAVALCANTE, M.M.; BRITO, Mariza A. P. (Org.) . **Texto, discurso e argumentação: traduções**. 1. ed. Campinas/SP: Editora Pontes, 2020. 320p.
- FARIA, M. da G. dos S. **Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais**. Fortaleza, 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará.

GENETTE, G. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HODGE, R.; KRESS, G. **Social Semiotics**. London: Polity Press, 1988.

KOCH, I. G. V. Introdução à linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images**: The Grammar of Visual Design. London; New York: Routledge, 2006.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MACEDO, P. S. A. **Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual**. 245f - Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MATÊNCIO, M. de L. M. RIBEIRO, P. B. A dinâmica das e nas representações sociais: o que nos dizem os dados textuais? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 229-238, set./dez. 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26311/1/2009_art_mlmmatencio.pdf> Acesso em: 21 jul. 2021.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

NOBRE, K. C. **Critérios classificatórios de processos intertextuais**. Fortaleza, 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará.

PÊCHEUX, M. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. Tradução de José Horta Nunes. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2007, p. 49-57. [Texto original: PÊCHEUX, M. Role de la mémoire. In: ACHARD, P.; GRESNAIS, M.P. (éd.). Histoire et Linguistique. Paris: Eds CNRS, 1984.].

PIÊGAY-GROS, N. Tipologia da intertextualidade. Intersecções. **Revista sobre práticas discursivas e textuais**. Ano 3, número 1. São Paulo, 2010. Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vicência Maria Freitas Jaguaribe. p. 220-244.

PINTO, R Youtube, em maio de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hlw6yeOkz-A&t=0s>> Acesso em: 16 fev. 2022.

RIBEIRO, A. E. **Multimodalidade, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. São Paulo: Parábola, 2021.

SOARES, M. S. **Processos Referenciais por nome próprio como Estratégias Argumentativas**. Fortaleza, 2018. Dissertação (Mestre em Linguística) - Universidade Federal do Ceará.

VAN LEEUWEN, T. **Introducing Social Semiotics**. London: Routledge, 2005.